

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

LAURA PAOLA FERREIRA

Máscaras Sociais:

Construindo caminhos para o aprendizado em Arte

BELO HORIZONTE
2018

LAURA PAOLA FERREIRA

Máscaras Sociais:

Construindo caminhos para o aprendizado em Arte

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, em rede nacional, como requisito à obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Ensino de Artes

Linha de Pesquisa: Processos de Criação em artes

Orientador: Dr. Fabrício Andrade

BELO HORIZONTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Mestrado Profissional em Artes

FOLHA DE APROVAÇÃO

Máscaras Sociais: Construindo caminhos para o aprendizado em Arte

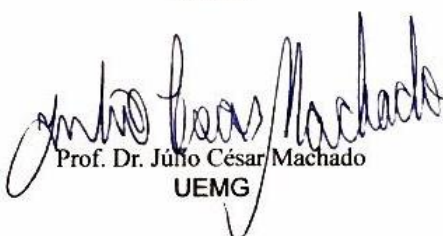
LAURA PAOLA FERREIRA

Trabalho de conclusão submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Artes, como requisito para obtenção do grau de Mestra em ARTES, área de concentração ENSINO DE ARTES.

Aprovado em 18 de julho de 2018, pela banca constituída pelos membros:


Prof. Dr. Fabrício Andrade Pereira
UEMG


Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel
UFMG


Prof. Dr. Júlio César Machado
UEMG


Profa. Dra. Gláucia Maria dos Santos Jorge
UFMG

Dedico este trabalho

Aos meus alunos que contribuíram de forma tão espontânea e afetuosa para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Aos meus pais Mauro e Inês, irmãos César e Fabiana e ao meu noivo Assis Giovanni pelo auxílio de sempre.

A todos os meus professores que deixaram uma sementinha de otimismo educacional. E em especial o meu orientador Fabrício Andrade pela paciência, motivação e generosidade.

AGRADECIMENTOS

O processo introspectivo que envolve a pesquisa do mestrado trouxe-me a solidão reflexiva e um despertar consciente de um olhar para o outro. Os momentos de introspecção em meio à multidão, foram substanciais para o meu crescimento pessoal/espiritual/profissional. A cada leitura, a cada conversa sem intenções pontuais, foram fundamentais para o meu crescimento, não me esqueço de quantas noites passei acordada porque a ideia me vinha no momento do sonho ou quantas vezes parei o carro ou desliguei o chuveiro para anotar uma ideia que não poderia esperar?

Agradeço a energia maior que rege este universo pela oportunidade da pesquisa e por conhecer as pessoas que me auxiliaram na construção do *caminho* na investigação, pelo meu orientador Fabricio Andrade que teve a paciência para me ensinar, puxar orelha quanto necessário, mas sempre me motivando na continuidade da pesquisa. A todos os membros da banca examinadora Lucia Gouvêa Pimentel, Júlio César Machado e Gláucia Maria dos Santos. A minha família que esteve presente em todos os momentos e ao meu noivo que me apoiou e esteve ao meu lado em cada fim de semana imerso em livros e conversas calorosas sobre os processos de ensino. Agradeço a minha mãe querida que sempre esteve ao meu lado me apoiando em todas as minhas decisões. E em especial as professoras Danila Sarizo, Eloiza Rossoni por me escutarem e me auxiliarem durante todo o processo. Contudo, não poderia deixar de agradecer a escola, aos coordenadores e direção que me apoiaram nesta jornada educacional, em especial aos meus alunos, o meu muito OBRIGADA.

“Que as Máscaras sejam acessórios para serem moldados e retirados, mas que jamais sejam simplesmente máscaras”

RITA DE CASSIA FOSSALUZA FERREIRA.

RESUMO

A investigação, *Máscaras Sociais: Construindo os caminhos para o aprendizado em Arte*, teve como objetivo discutir a importância da *experiência artística* como princípio norteador para o aprendizado nas aulas de Arte. Teve como foco o estudo das *máscaras sociais*, enquanto objetos artísticos, em culturas e épocas diferentes, e o estudo dos artistas contemporâneos, Amleto Sartori e Donato Sartori, John Ahern e Rigoberto Torres e Yasumasa Morimura. O ponto central da pesquisa foi trazer o cotidiano social dos educandos para a criação artística de máscaras com técnicas e materiais variados. Utilizou-se de recursos tecnológicos, como o vídeo e a fotografia modificada no computador. De acordo com este trabalho, o aprendizado em Arte requer métodos, aqui entendidos como caminhos. Dessa forma, o método é uma construção coletiva, de estratégias cognitivas que interage com o cotidiano dos educandos. A pesquisa dialoga com os autores Andrade (2014), Barbosa (2007, 2010, 2012, 2015), Brandão (2008), Dewey (2010), Charlot (2000), Ferreira (2015), Jarvis (2013), Maturana (2009), Morin; Ciurana; Motta (2003), Illeris (2013), Parsons (2006), Cunha (2012), Pimentel (2007), Tomasello (2003). A investigação foi desenvolvida na E.M Josefina de Sousa Lima, localizada no bairro Primeiro de Maio/ Belo Horizonte-MG, com os estudantes do Terceiro ciclo (7º, 8º e 9º anos) de ensino. Como recursos metodológicos utilizou-se a revisão bibliográfica, por meio da pesquisa descritiva e o diário de bordo/campo.

Palavras-Chave: Experiência em Arte. Máscaras Sociais. Arte Contemporânea.

ABSTRACT

The research, *Social Masks: Building the paths to learning in Art*, aimed to discuss the importance of artistic experience as a guiding principle for learning in art classes. He focused on the study of social masks as artistic objects in different cultures and eras, and the study of contemporary artists, Amleto Sartori and Donato Sartori, John Ahern and Rigoberto Torres and Yasumasa Morimura. The central point of the project was to bring the social daily life of the students to the artistic creation of masks with varied techniques and materials. Technological resources such as video and modified photography were used in the computer. According to this work, learning in Art requires methods, here understood as paths. In this way, the method is a collective construction of cognitive strategies that interact with the students' daily lives. The research dialogues with the authors Andrade (2014), Barbosa (2007, 2010, 2012, 2015), Brandão (2008), Charlot (2000), Ferreira (2015), Jarvis (2013), Maturana (2009), Morin; Ciurana; Motta (2003), Illeris (2013), Parsons (2006), Cunha (2012), Pimentel (2007), Tomasello (2003). The research was carried out at E.M Josefina de Sousa Lima, located in the first district of Maio/ Belo Horizonte-MG, with students in the third cycle (7th, 8th and 9th years) of teaching. Methodological resources were used in the bibliographic review, through the descriptive research and the logbook / field.

Keywords: Experience in Art. Social Masks. Contemporary art.

Lista de figuras

Figura 1– Máscaras na história.....	16
Figura 2– Amleto e Donato Sartori.	17
Figura 3– John Ahern e Rigoberto Torres.	17
Figura 4– Yasumasa Morimura.	18
Figura 5– Aula na sala de informática.....	22
Figura 6– Aula na sala de informática.....	23
Figura 7– As três dimensões da aprendizagem e do desenvolvimento de competências.....	25
Figura 8– Início das experimentações com lápis aquarelado.	26
Figura 9 – Início das experimentações com lápis aquarelado.	26
Figura 10 – Resultado dos trabalhos desenvolvidos com lápis aquarelado pelo estudo das máscaras ao longo dos séculos e pelos artistas Amleto e Donato Sartori.	27
Figura 11 – Resultado dos trabalhos desenvolvidos com lápis aquarelado pelo estudo das máscaras ao longo dos séculos e pelos artistas Amleto e Donato Sartori.	27
Figura 12 – Aula prática, utilizando a técnica de modelagem em atadura gessada, com estudantes do 7º ano de ensino.	31
Figura 13 – Aula prática, utilizando a técnica de modelagem em atadura gessada, com estudantes do 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.....	31
Figura 14 – Aula prática, utilizando a técnica de modelagem em atadura gessada, com estudantes do 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.....	32
Figura 15 – Modelagem em atadura gessada com os estudantes da E.M Josefina de Sousa Lima.....	34
Figura 16 – Modelagem em atadura gessada com os estudantes da E.M Josefina de Sousa Lima.....	34
Figura 17 – Finalização das máscaras, pintura com tinta guache.....	35
Figura 18 – Finalização das máscaras, pintura com tinta guache.....	35
Figura 19 – Produção das flores para o mural do Dia Internacional da mulher.	38
Figura 20 – Produção do mural pela aluna Giovanna.	39
Figura 21– Mural “A face oculta da mulher negra”.	39
Figura 22– Criação artística das Máscaras Sociais.....	42
Figura 23 – Aula interdisciplinar de Arte e informática.....	42
Figura 24 – Produção de máscaras no computador.	43
Figura 25 – Estudantes desenvolvendo atividade artística de releitura a partir do estudo do artista Yasumasa Morimura.....	45
Figura 26 – Aula prática da releitura do artista Yasumasa Morimura.	46
Figura 27 – Alguns trabalhos finalizados de releitura.	46
Figura 28 – Resultado de alguns trabalhos desenvolvidos de releitura.	47
Figura 29 – Releitura do aluno Kayque.....	48
Figura 30 – Aula vídeo.	51
Figura 31 – Aula vídeo.	51
Figura 32 – Produção de vídeo.	52
Figura 33 – Bastidores da produção do vídeo.	52
Figura 34 – Cine Pipoca.	53
Figura 35 – Cine Pipoca.	53
Figura 36 – Convite da exposição.	57
Figura 37 – Interação dos funcionários da UFMG durante a montagem da exposição, Máscaras Sociais, e o registro da TV UFMG.....	57
Figura 38 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.....	58
Figura 39 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.....	59
Figura 40 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.....	59

Figura 41 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.....	60
Figura 42– Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.....	60
Figura 43 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.....	61
Figura 44 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.....	61
Figura 45 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.....	62
Figura 46 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.....	62
Figura 47 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.....	63
Figura 48 – Estudantes visitando a exposição Máscaras Sociais.	64
Figura 49 – Estudantes visitando a exposição Máscaras Sociais.	65
Figura 50 – Visita dos estudantes da EMJSL à exposição na Reitoria da UFMG.	65
Figura 51– Visita dos estudantes da EMJSL à exposição na Reitoria da UFMG.	66
Figura 52 – Visita dos estudantes da EMJSL à exposição na Reitoria da UFMG.	66
Figura 53 – Estudantes da E.M Josefina de Sousa Lima interferindo no mural.....	68
Figura 54 – Educandos da EMJSL e o discente da EBA/UFMG.....	70
Figura 55 – Visita aos espaços EBA/UFMG.....	71
Figura 56 – Visita dos educandos ao Ateliê de escultura.	71
Figura 57 – Vista dos educandos ao Ateliê de desenho.	72
Figura 58 – Vista dos educandos ao Ateliê de Pintura.	72
Figura 59 – Aula com estudantes de licenciatura na exposição.	75
Figura 60 – Depoimento da estudante Camila, 8ºano, para a TV UFMG.....	82
Figura 61 – Estudante Pamela 8ºano exibindo sua produção artística.	83

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
1 – CONSTRUINDO OS SABERES DA PESQUISA: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E AS MÁSCARAS	14
2 – PROCESSOS CRIATIVOS	21
2.1 – Os caminhos percorridos na experiência das <i>Máscaras Sociais</i> pelo estudo dos artistas Amleto e Donato Sartori.....	21
2.2 – Os caminhos percorridos na experiência das <i>Máscaras Sociais</i> pelo estudo dos artistas John Ahern e Rigoberto Torres	28
2.3 – 8 de março, Dia Internacional das Mulheres, e o Ensino de Arte na escola.....	36
2.4 – Os caminhos percorridos na experiência das <i>Máscaras Sociais</i> pelo estudo do artista Yasumasa Morimura	40
2.5 – Somos todos iguais nas diferenças: experiência estético-social a partir do vídeo clipe “Black or White”, do artista Michael Jackson.....	48
3 – EXPERIÊNCIAS ESTÉTICO-SOCIAIS: UNIVERSIDADE, ESCOLA E O PROJETO “MÁSCARAS SOCIAIS”	55
3.1 – Experiência dos educandos na exposição <i>Máscaras Sociais</i> e na visita ao campus da UFMG.....	63
3.2 – Visita dos estudantes da E.M Josefina de Sousa Lima à Escola de Belas Artes/UFMG	69
3.3 – Experiência da pesquisa <i>Máscaras Sociais</i> com os cursos de licenciatura da EBA/UFMG e FAE/UEMG	74
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICE	81
ANEXO	84

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como pressuposto principal proporcionar formas de desenvolvimento da expressão artística dos educandos da Escola Municipal Josefina de Sousa Lima e relacionar tais formas as *Máscaras* e suas relações contextuais que envolvem discussões, como identidade e papéis sociais. A pesquisa teve, também, como foco o estudo das *Máscaras* dos artistas contemporâneos: Amleto Sartori e Donato Sartori, John Ahern e Rigoberto Torres e Yasumasa Morimura. Além disso, a pesquisa, a partir da construção de propostas pedagógicas, proporcionou experiências expressivas para os educandos com uso de técnicas variadas, como aquarela, colagem, pintura, modelagem em gesso e a utilização de ferramentas tecnológicas para a criação artística. O trabalho apresentou como pressuposto metodológico a flexibilização no processo de ensino/aprendizagem e na criação dos caminhos para o aprendizado nas aulas de Arte. Tem como perspectiva teórico-metodológica o estudo dos autores: Andrade (2014), Barbosa (2007, 2010, 2012, 2015), Brandão (2008), Dewey (2010), Charlot (2000), Ferreira (2015), Jarvis (2013), Maturana (2009), Morin; Ciurana; Motta (2003), Illeris (2013), Parsons (2006), Cunha (2012), Pimentel (2007), Tomasello (2003), tendo como ponto de partida, para além da criação expressiva, aspectos que influenciam a criação expressiva, como o identificar, o construir e o relacionar do sujeito com o espaço social¹. Para Barbosa (2010, p. 100), o Ensino de Arte pressupõe o “Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver arte, e decodificadores fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano”.

A investigação contou com a participação dos estudantes do Ensino Fundamental (7º, 8º e 9º anos), da Escola Municipal Josefina de Sousa Lima, localizada no bairro Primeiro de Maio, em Belo Horizonte/MG. A pesquisa teve cunho artístico, exploratório e procurou dialogar com as diversas realidades dos educandos. Espera-se que a investigação contribua com as pesquisas epistemológicas no campo do Ensino da Arte e que tenha proporcionado o diálogo sobre as máscaras e suas relações com a sociedade. Espera-se, igualmente, que amplie o olhar dos educadores sobre a Arte Contemporânea e o uso de tecnologias no contexto escolar.

¹ O termo espaço social se refere às vivências trazidas pelos educandos a partir das histórias construídas pela interação com outras pessoas tanto dos lugares onde frequentam, quanto do universo da cultura midiática e digital. E essa visão, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular-BNCC (2017, p. 58), “fortalece o potencial da escola como espaço formador e orientador para a cidadania consciente, crítica e participativa.”

No primeiro capítulo, intitulado *Construindo os saberes da pesquisa: experiência estética e as máscaras*, são produzidas algumas reflexões a partir das quais procurou-se definir os conceitos das máscaras dentro da sociedade, dos artistas contemporâneos Amleto Sartoria e Donato Sartori, John Ahern e Rigoberto Torres, Yasumasa Morimura e suas relações que envolve o meio cultural, social e familiar dos educandos. Neste pensamento são abordados os conceitos das máscaras sociais, experiência no ensino de Arte, experiência estética e método para o aprendizado no Ensino de Arte.

No segundo capítulo, intitulado “Processos criativos”, descrevem-se as experiências dos educandos nos processos criativos a partir dos estudos das obras e dos artistas selecionados para compor o projeto *Máscaras Sociais: Construindo os caminhos para o aprendizado em Arte*.

A descrição dos processos criativos está organizada da seguinte forma:

Processos criativos: Os caminhos percorridos na experiência das *Máscaras Sociais* pelo estudo dos artistas Amleto e Donato Sartori: descreveu-se a construção da experiência com os educandos do 7º, 8º e 9º anos, com a técnica do lápis aquarelado. Neste momento, iniciaram-se os caminhos para o aprendizado com os educandos e com a observação do educador, que mediou os processos do ensino/aprendizado de Arte. O texto dialogou com a experiência dos educandos a partir dos autores: Barbosa (2007), Charlot (2000), Larrosa (2002), Morin; Ciurana; Motta (2003) e Illeris (2013).

Processos criativos: Os caminhos percorridos na experiência das *Máscaras Sociais* pelo estudo do artista Yasumasa Morimura: surge a partir dos diálogos, trocas, reflexões e sugestões para o uso das tecnologias para o desenvolvimento das atividades.

- **Desdobramentos dos processos criativos: Releitura Yasumasa Morimura,** atividade que surge nos diálogos sobre a mídia e sua relação com as *Máscaras Sociais*. Os educandos criaram releituras, a partir das obras do artista Yasumasa Morimura, com técnicas variadas: giz, cola colorida, papel picado, glitter, canetinha, lápis de cor, revista e outros.

Processos criativos: Os caminhos percorridos na experiência das *Máscaras Sociais* pelo estudo dos artistas John Ahern e Rigoberto Torres: o texto descreve como os estudantes exteriorizam as raízes culturais e religiosas africanas nos diálogos e nas ações de construção de conhecimento, a partir do vídeo dos artistas John Ahern e Rigoberto Torres e o uso expressivo da técnica em atadura gessada.

Processos criativos: 8 de março, Dia Internacional da mulher, e o Ensino de Arte na escola: nessa fase, observou-se a relação da escola com o Ensino de Arte. O mural em comemoração ao dia da mulher surgiu a partir dos diálogos dos educandos sobre a figura feminina, negra, na sociedade contemporânea; e como resultado, a criação do mural “A face

oculta da mulher negra”. Para essa atividade pedagógica, foram disponibilizados aos educandos materiais variados, como: recorte e colagem das flores, pintura das máscaras com tinta guache e cola colorida.

Processos criativos: Somos todos iguais nas diferenças: experiência estética social a partir do vídeo clipe “Black or White” do artista Michael Jackson: os estudantes relacionaram as *Máscara Sociais* com as culturas de diversos países. O texto trata da produção dos vídeos e estabelece relações com o trabalho dos autores Barbosa (2007), Morin; Ciurana; Motta (2003), Cunha (2010) e Pimentel (2013).

No terceiro capítulo **Diálogos experienciados entre a universidade, a escola e o projeto “Máscaras Sociais”:** discutiu-se, a partir do trabalho de Andrade (2014), Barbosa (2007), Burnham e Kai-Kee (2011), Charlot (2000), Woon (2011), Meira e Pillotto (2010), Nóvoa (2007), Cunha (2010), Pimentel (2013), Tourinho (2012), Zitkoski (2010) a exposição desenvolvida pelos educandos da Escola Josefina Sousa Lima na Universidade Federal de Minas Gerais. Os docentes das licenciaturas da Escola de Belas Artes/UFMG e Faculdade de Educação/UEMG realizaram atividades sobre práticas acadêmicas e práticas escolares aliadas à pesquisa do mestrado.

Para a elaboração metodológica, foram realizados levantamentos bibliográfico e exploratório. A pesquisa bibliográfica passou pelas etapas: leitura de livros, artigos, revistas e outros documentos pertinentes ao tema proposto. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica se desenvolve por meio de material já elaborado constituído de livros e artigos. Já o levantamento exploratório foi respaldado pelas anotações das vivências e relatados no diário de bordo/campo. Este, segundo Machado (2002), é uma ferramenta fenomenológica de registro escrito para se realizar a reflexão pragmática cotidiana. É dividida em descritiva e reflexiva, segundo Bogdan e Biklen (1994). A descritiva se refere às anotações dos diálogos, do espaço físico, dos sujeitos, dos acontecimentos particulares, das atividades e do posicionamento do observador. A reflexiva são as ideias, o ponto de vista do observador sobre os acontecimentos, que compreendem as análises, os métodos e a comunicação dos acontecimentos da pesquisa. A pesquisa teve cunho social/educacional e utilizou-se de múltiplas abordagens acerca dos objetos de estudo. Para Brandão (2002), são possíveis as variadas formas de elaboração da proposta da pesquisa.

O projeto, “*Máscara Sociais: construindo caminhos para a experiência em Arte*”, foi desenvolvido na Escola Josefina de Sousa Lima, com levantamento de informações e estudos sobre a construção dos caminhos para a *experiência* em Arte. Os educandos, a partir do tema *Máscaras Sociais* e as relações conjecturais que envolvem a identidade e o ressignificar dos

papéis sociais, desenvolveram atividades artísticas nas aulas de Arte.

Essa investigação teve, como condição prévia, o respeito aos conhecimentos e expressões artísticas trazidas pelos educandos, de forma dialógica, proposta por Nogueira (2011). As etapas para o diálogo com os educandos foram:

- Diagnóstico dos educandos: criaram-se diálogos, trocas e vivências que propiciaram a interação dos educandos com o educador. Criou-se o repertório, mediaram-se os processos e diálogos com os contextos culturais dos estudantes. Ao abrir espaço para os diferentes caminhos e diálogos, proporcionou-se a participação dos educandos no processo de ensino.
- Identificação do conteúdo: pesquisa no laboratório de informática, filmes, aulas expositivas com imagens em Power Point, práticas artísticas com materiais diversos e construção do diário de bordo, elaborado tanto pelo educador, quanto pelos educandos. A avaliação dos diários de bordo direcionou os caminhos para a construção dos processos de ensino.
- Avaliação das experiências com o grupo.
- Ao final do processo, foi realizada, na Reitoria da UFMG, por edital da EBA, a exposição das experiências artísticas realizadas durante o processo da pesquisa.

Em consideração às colocações acima, as aulas foram divididas em três grandes blocos, com a duração de 60 minutos. Cada bloco teve um tema central e subdivisões menores e flexíveis, de acordo com o interesse do estudante pela continuidade das atividades nas aulas de Arte. Acrescentaram-se outras subdivisões, partindo da observação do diário de bordo dos estudantes e pela observação do pesquisador.

1 – CONSTRUINDO OS SABERES DA PESQUISA: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E AS MÁSCARAS

O projeto “*Máscaras Sociais: construindo os caminhos do aprendizado em Arte*” surgiu do interesse em pesquisar a construção do aprendizado dos educandos nas aulas de Arte. Teve como objetivo a participação destes na construção dos caminhos do ensino/aprendizado nas aulas de Arte. Segundo Morin; Ciurana; Motta (2003), o método é uma construção coletiva, de estratégias cognitivas, que interage com o cotidiano dos educandos. Essas estratégias foram experienciadas nas aulas de Arte com a participação dos alunos e com a mediação do educador que cria e participa dos processos investigativos.

Entendem-se por *Máscaras Sociais* as expressões artísticas realizadas por meio de técnicas variadas, desenvolvidas a partir da investigação de processos artísticos e relacionadas às identidades e aos papéis sociais apreendidos pelos educandos. Na visão de Jung² (2008) *apud* Ferreira (2015, p. 14), a partir do conceito de “máscaras invisíveis”,

As máscaras invisíveis, como referência Jung (2008), são o que ele chamou de “persona”, uma palavra derivada do latim equivalente à máscara, e que neste contexto é a forma pela qual nos apresentamos ao mundo e nos relacionamos com os outros, incluindo nossos papéis sociais e nosso estilo de expressão.

Os educandos se relacionam socialmente e vivem múltiplos papéis nas sociedades. O intuito da pesquisa foi possibilitar, no ensino da Arte, o encontro do aluno com as expressões artísticas, relacionar os meios sociais, familiares, culturais e religiosos.

As máscaras, segundo Ferreira (2015), podem ter a conotação crítica, de protesto, de comportamento humano, de camuflagem ou desvelamento. As vivências sociais podem ser constituídas pelas trocas e interações culturais. As máscaras podem ser imagéticas, pictóricas, subjetivas, corporais ou tecnológicas: a tecnologia tem, cada vez mais, criado mascaramentos através das redes sociais, fotografias modificadas e mídias. As máscaras são também objetos de fruição, cena ou construção artística. Os educandos exteriorizam relações expressas de seus meios sociais quando criam artisticamente. Nesse caso, criaram máscaras enquanto objetos artísticos. A criação e a fruição das máscaras possibilitam aos alunos o contato com expressões, sensações e sentimentos estéticos/expressivos, relacionados ao meio social/cultural. De acordo com Ferreira (2015), conscientizar o sujeito que cria e frui sobre vivências sociais oportuniza

² JUNG, Carl G. et al. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 419 p

escolhas na construção da identidade. Pode-se, portanto, cogitar que a criação e a fruição das *Máscaras Sociais* pode levar o educando a desenvolver posicionamentos críticos relacionados às sociedades diversas. Esta experiência se propôs a fomentar contribuições do estudo das *Máscaras Sociais* para a formação da identidade cultural do educando.

A investigação desenvolveu-se na Escola Municipal Josefina de Sousa Lima, com estudantes do Ensino Fundamental do 7º, 8º e 9º anos, nas aulas de Arte. Inicialmente, foi proposto o estudo das máscaras culturais nas sociedades, a partir do estudo dos artistas contemporâneos, Amleto Sartori e Donato Sartori, Yasumasa Morimura e John Ahern/Rigoberto Torres. Esse estudo permitiu uma construção e revisitação dos conceitos do que seriam as máscaras em culturas e épocas diferentes. Ampliou-se a análise do que seriam as máscaras na sociedade contemporânea, o que culminou em criações artísticas com técnicas variadas.

Nas aulas de Arte, foram consideradas as vivências trazidas pelos educandos para o ensino/aprendizado expressivo na construção artística individual e coletiva. Para Tomasello (2003), o aprendizado acontece quando há uma relação de identificação com o contexto de mundo em que vive o sujeito e “essa compreensão permite aos indivíduos imaginarem-se ‘na pele mental’ de outra pessoa, de modo que não só aprendem *do* outro, mas *através* do outro” (TOMASELLO, 2003, p. 7, grifos do autor). O sujeito, ao perceber uma relação de proximidade com o objeto a ser estudado, sente-se mais receptivo aos novos caminhos do aprendizado, no caso, nas aulas de Arte. Para Maturana (2009), o aprendizado se relaciona com as mudanças estruturais dos indivíduos e com as interações do contingente cultural/social de cada sujeito. Sendo assim, esta pesquisa relacionou a experiência, a consequência e o aprendizado em Arte com as vivências cotidianas dos educandos, que se sentiram parte dos caminhos que foram percorridos na criação, nas aulas de Arte.

Como ponto de partida para o conhecimento das máscaras, procurou-se observar, a partir dos diálogos trazidos pelos educandos, como eles relacionavam as máscaras a seus contextos sociais. O conhecimento/reconhecimento das vivências culturais/sociais dos alunos orientaram as atividades, diálogos e as trocas experienciadas sobre as *Máscaras Sociais*. Foram discutidos os conceitos sobre o que seriam as máscaras e os contextos cotidianos dos educandos. No documento “Orientações sobre Processos de Avaliação no Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte”, o diagnóstico é o ponto de partida para o reconhecimento do educador das capacidades e habilidades consolidadas,

A finalidade principal da avaliação é fornecer informação sobre o processo

Figura 4– Yasumasa Morimura.



Fonte: Montagem do próprio autor⁶. Imagens do banco de dados do Google, Acesso em: 05 jun. 2017.

Para iniciar o estudo sobre as *Máscaras Sociais*, criou-se um plano de aula que dialogou com o cotidiano dos educandos. O intuito foi permitir uma aproximação com o tema, em que os estudantes fruíram as máscaras na contemporaneidade. Os educandos iniciaram o estudo das máscaras pelos artistas Amleto Sartori e Donato Sartori, com desenhos feitos com o lápis aquarelado. No estudo do artista Yasumasa Morimura, desenvolveram as máscaras com o recurso tecnológico (fotografia modificada no computador) e releituras com materiais variados. Já no estudo dos artistas John Ahern e Rigoberto Torres, os educandos expressaram-se com a modelagem das máscaras em atadura gessada. O estudo desses artistas proporcionou conhecimentos e fruições artísticas das máscaras na atualidade. Apesar dos artistas desenvolverem trabalhos com materiais e técnicas diferentes um dos outros, assemelham-se enquanto reflexão de papéis sociais e nas relações sociais/culturais.

Procurou-se compreender a *experiência* artística como um dos pontos primordiais para o aprendizado em Arte. Para Larrosa (2002), a prática cria reflexões emancipadoras as quais possibilitam uma educação que gera *experiências* com sentido ao educando. A *experiência* no campo da Arte é imprescindível para a construção do saber artístico. É pela *experiência* que o educador cria métodos de ensino de forma a caminhar junto com o educando no aprendizado de Arte. Entende-se por *experiência*, a partir de apontamentos de Dewey (2010), a relação de troca entre o indivíduo e seu desejo de saber e como essas instâncias se relacionam no dia-a-dia.

A construção do conhecimento em Arte, por sua vez, pode ser entendida também como

⁶https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=657&tbm=isch&sa=1&ei=7z6UW72vOMO2wQThlavQCQ&q=YASUMASA+MORIMURA&oq=YASUMASA+MORIMURA&gs_l=img.3...202691.209282.0.209384.0.0.0.0.0.0.0.0.0....0...1c.1.64.img..0.0.0....0.sckl8sPWZVw.

a *experiência* com sentido estético⁷. Para Dewey (2010), a Arte proporciona a *experiência* estética quando construída com as interações e com as vivências que fazem parte do cotidiano. As construções expressivas nas aulas de Arte podem gerar *experiências* com importância para o educando. As trocas, as reflexões e os registros propiciam diálogos dos estudantes com diversos mundos. Segundo Hissa (2013), “a experimentação do mundo precede a razão. Adiante, mais do que isso: a razão é feita da experimentação do mundo e o pensamento é feito do sentir. Ser afetado pelo mundo, portanto, é pressuposto da construção do pensamento” (HISSA, 2013, p. 20). Nesse sentido, a *experimentação*, segundo Dewey (2010), é algo vivo que se relaciona com o meio cultural do sujeito, é a interação do sujeito com o meio social. Os diálogos, as reflexões e as trocas experienciadas nas aulas de Arte permitem ao educador uma abordagem metodológica, a partir do reconhecimento de algumas vivências dos educandos. Segundo Tomasello (2003), o conhecimento relaciona-se aos produtos produzidos pelo grupo social. O educador que respeita e leva em consideração as vivências sociais e culturais dos educandos proporciona a *experiência* também cognitiva em Arte. Para Pimentel (2013), a cognição é uma construção culturalmente corporizada por meio de *experiências* que interagem com o meio social do educando, com sensibilidade estética e com a percepção no pensamento artístico.

As aulas de Arte desenvolvidas nesta pesquisa proporcionaram *experiências* estéticas aos educandos que, ao sentirem-se envolvidos pelos conteúdos, relacionavam os contextos sociais, culturais e familiares expressados na criação artística. Para Barbosa (2012), o educador tem fundamental importância no processo de aprendizado nas aulas de Arte. A autora aponta que o conteúdo artístico pode abranger o cotidiano escolar e a vida dos estudantes. Nesse sentido, cabe ao educador, como mediador dos processos de ensino, acompanhar os estudantes nos caminhos para o aprendizado em Arte e respeitar os tempos de criação de cada um. A criação artística acontece de forma singular e os resultados se diferem de sujeito para sujeito, pelas bagagens individuais advindas das suas histórias pessoais. Elas se entrelaçam e se conectam a outras histórias compartilhadas durante as aulas. Uma mesma obra de Arte é compreendida ou fruída de várias maneiras, pela visão de cada sujeito, a partir das *experiências* individuais e coletivas vivenciadas.

A partir dos apontamentos teóricos acima, levantam-se as seguintes questões: São inúmeros os caminhos para se chegar à *experiência* no ensino de Arte? Há saberes importantes

⁷ Segundo Dewey (2010, p. 98-99), “a palavra ‘estética’ refere-se, como já observamos, à experiência enquanto apreciativa, perceptiva e agradável. Portanto, vê-se que a experiência estética – em seu sentido limitado – está inerentemente conectada com a experiência do fazer”.

para se chegar à *experiência* no Ensino de Arte? É possível realizar *experiências* nas aulas de Arte? Para se chegar a *experiências* artísticas nas aulas de Arte, os estudantes precisam de métodos (visto aqui como *caminhos*) claramente definidos? Ou esses caminhos podem ser construídos ao longo dos processos de ensino/aprendizagem?

Diante das reflexões expostas, percebe-se que a experiência artística é única, intransferível e requer um olhar diferenciado para a diversidade existente. E o educador, como sujeito mediador do processo de ensino, ressignifica os contextos sociais/culturais comunicados pelos educandos nos inúmeros caminhos da educação imagética na Arte.

2 – PROCESSOS CRIATIVOS

2.1 – Os caminhos percorridos na experiência das *Máscaras Sociais* pelo estudo dos artistas Amleto e Donato Sartori

As máscaras da Commedia Dell'Arte tinham como característica principal a crítica social. Os atores da Commedia Dell'Arte eram grandes improvisadores pertencentes a classes populares e quase todos utilizavam as máscaras para se expressarem⁸. Amleto e Donato Sartori (pai e filho) são artistas que moldam e desenvolvem suas máscaras em couro, inspirados na Commedia Dell'Arte italiana. Segundo Sartori, “trata-se de uma nova forma de sátira social com a qual os atores podem externar a própria insatisfação diante da instituição pública e contra as injustiças sociais e políticas”⁹, (SARTORI, 2015, s.p.).

Os educandos, ao entrar em contato com formas de crítica social na Arte, podem também repensar e trazer suas vivências pessoais para a experiência artística nas aulas de Arte. Para Barbosa, “através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada” (BARBOSA, 2007, p. 16).

A figura 5 mostra uma aula prática na sala de informática, após o desenvolvimento de uma aula teórico/participativa. Entendem-se por teórico/reflexiva, de acordo com Barbosa (2012), o embasamento investigativo e o raciocínio dos conteúdos e práticas que auxiliam os educandos na construção do pensamento. Esse embasamento investigativo possibilita uma ação reflexiva que evita a manipulação midiática dos alunos.

⁸ Vídeo que integra uma série produzida para o projeto Viva Itália/SP, do CRE Mário Covas, sobre a história da Commedia Dell'Arte, gênero teatral desenvolvido na Itália e baseado na improvisação. Publicado em 18 de abril de 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FvYz_c7mXg. Acesso em: 28 jun. 2017.

⁹ Fala retirada da entrevista de Sartori. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/globoteatro/reportagens/noticia/2015/08/donato-sartori-minstra-oficina-de-confeccao-de-mascaras-do-moitara.htm>. Acesso em: (28 jun.2017).

Figura 5– Aula na sala de informática.



Fonte: Produção do próprio autor.

Na aula experimental realizada na sala de informática, os estudantes pesquisaram as *Máscaras Sociais* em culturas e épocas diferentes. O resultado foi a criação de desenhos a partir de contextos e épocas diversificadas. A finalização do estudo na sala de informática foi o desenvolvimento de desenhos com lápis aquarelado. A escolha do material partiu da vontade de ampliar o uso de novas técnicas de desenho. Um exemplo do trabalho realizado pode ser visto na figura 6.

Figura 6– Aula na sala de informática.



Fonte: Produção do próprio autor.

As experiências com o lápis aquarelado iniciaram-se com orientações sobre o material e as técnicas para a sua utilização. Foram explicadas aos estudantes formas de utilizar o lápis aquarelado, como a aguada, para um resultado com nuances monocromáticas. Mostraram-se, também, algumas técnicas como: molhar o lápis antes de usá-lo sobre o papel ou desenhar com o lápis seco direto na folha, para depois, suavemente, passar o pincel molhado sobre a folha. Segundo Larrosa (2002, p. 24),

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer para pensar, parar para olhar, para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Ao observar os estudantes, percebeu-se que a maioria estava com dificuldades quanto

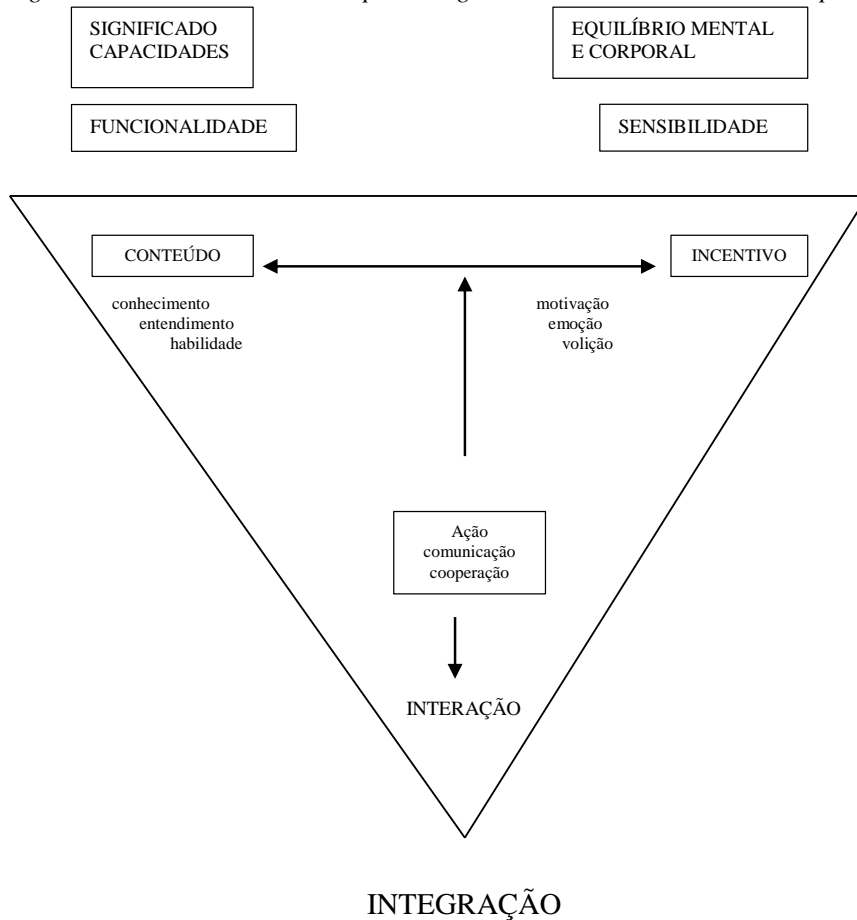
ao uso do lápis aquarelado, mesmo com as orientações no início da aula. A maior parte dos pincéis não era apropriada para as aguadas da aquarela e os pincéis disponíveis macios eram poucos. A mudança no direcionamento das aulas com foco, a princípio, na experimentação do lápis aquarelado, no perfil da turma e no aumento no tempo da produção das atividades auxiliou os estudantes no uso do lápis aquarelado e trouxe resultados diferenciados. Morin; Ciurana; Motta (2003) nos dizem sobre o aprendizado e sua relação com a inquietude, com o conflito interno que “reside na tensão entre seu inacabamento e a necessidade de se colocar um ponto final (a obra acabada e a última interpretação possível)” (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 39). Pode-se dizer que esse inacabamento é também a inquietude do conhecimento. Contudo, os estudantes foram experimentando o material disponível e foram orientados de acordo com as necessidades. Percebeu-se que as orientações deveriam ser mudadas quanto ao uso do material. O caminho, de acordo com o perfil da turma, foi estender o número de aulas para que os alunos experimentassem os materiais antes da produção das máscaras. O desejo de criar *caminhos (métodos)* que proporcionem a curiosidade na construção do saber torna-se fundamental para o desenvolvimento dos estudantes. A construção do conhecimento parte do estímulo do educador, que instiga o *desejo* do aluno de se transformar, conforme afirma Charlot (2000). Relato da estudante Safira 7º ano¹⁰:

- Professora! Você foi uma das únicas professoras que fez tipo projeto legal com a gente, as outras só ensinam, você é a única que ensina e põem em prática. Você vai lá na informática para pesquisar, você passa no vídeo para ver como é que é, você coloca no quadro e coloca a gente para fazer na prática um projeto parecido também.

Foi possível perceber que a estudante sentiu-se parte do processo de ensino. Para Illeris (2013), toda aprendizagem envolve três dimensões: conteúdo, incentivo e ambiente. O conteúdo caracteriza-se pelos conhecimentos e habilidades construídos socialmente de forma individual e coletiva. O incentivo, de acordo com Illeris (2013), permite uma abertura ao conteúdo em uma relação *simbiótica cognitiva e emocional*. E o ambiente, por sua vez, pode influenciar o indivíduo pelos contextos individuais, sociais, familiares e culturais vivenciados. Abaixo, pode-se observar o quadro triangular do aprendizado (figura 7).

¹⁰ Todos os nomes dos estudantes referenciados no trabalho são fictícios para proteger suas identidades.

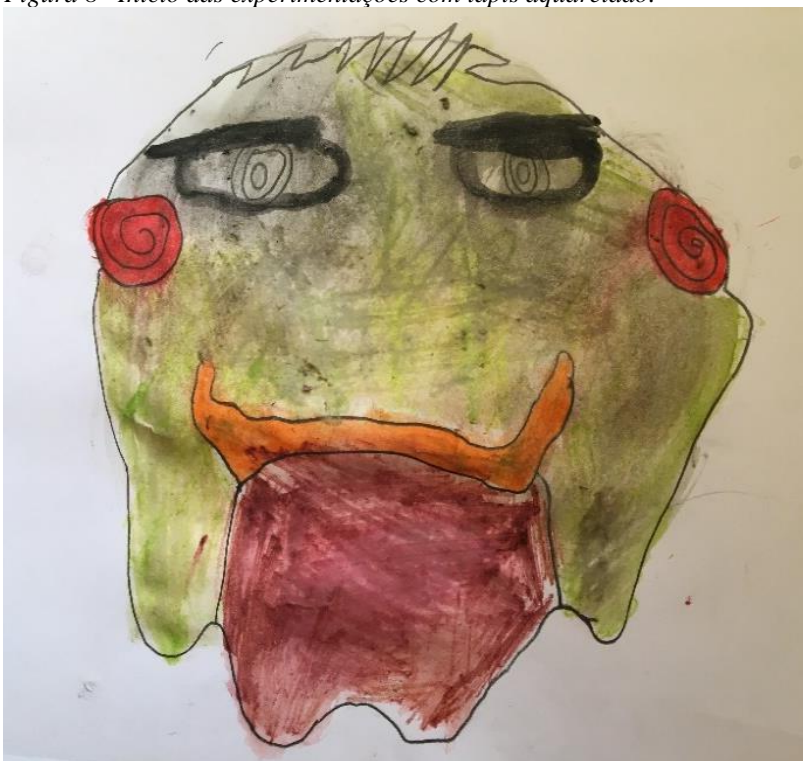
Figura 7– As três dimensões da aprendizagem e do desenvolvimento de competências.



Fonte: Illeris (2013, p. 19).

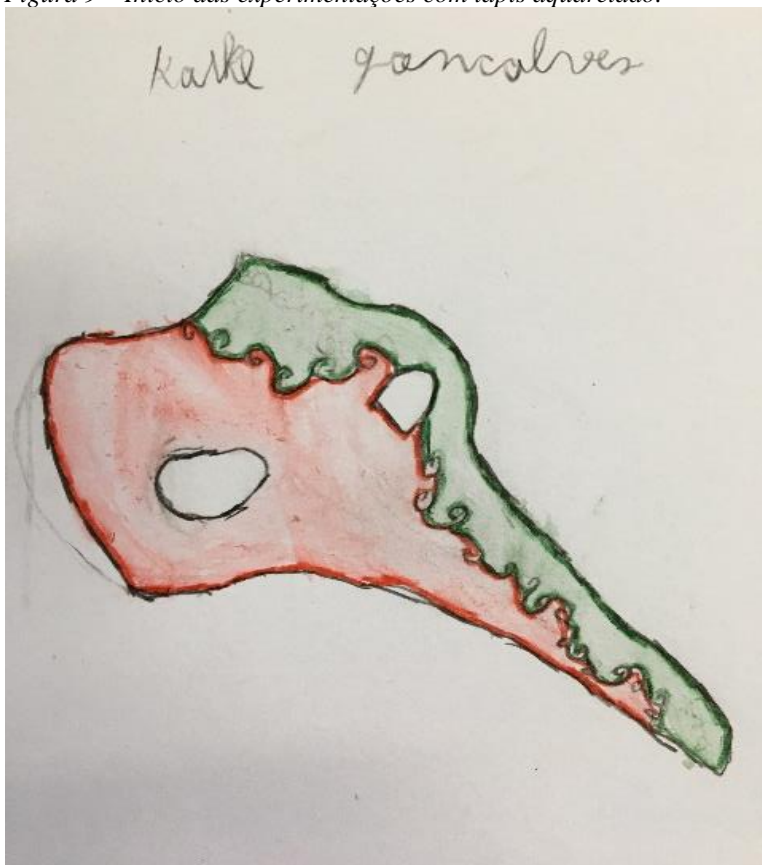
O aprendizado dos educandos não é algo homogêneo: ainda havia estudantes que apertavam o lápis tão fortemente que desgastavam o papel (figura 8). Todavia, foi percebido uma melhora significativa dos estudantes que já conseguiam produzir as aguadas com nuances monocromáticas no papel. A melhora no desenvolvimento artístico deve-se a observações e mudanças nos *caminhos* na experimentação. Após as mudanças nos *caminhos*, podemos observar nas figuras 9, 10 e 11 que os estudantes conseguiram ultrapassar barreiras quanto ao uso do lápis aquarelado e direcionar o aprendizado para as máscaras e sua relação com os artistas Amleto e Donato Sartori, em diferentes épocas, e relacionar as máscaras com alguns aspectos da própria sociedade contemporânea. As imagens abaixo referem-se ao início do processo de construção e desconstrução do estudo das máscaras e seus contextos culturais contemporâneos.

Figura 8 – Início das experimentações com lápis aquarelado.



Fonte: Arquivo do autor.

Figura 9 – Início das experimentações com lápis aquarelado.



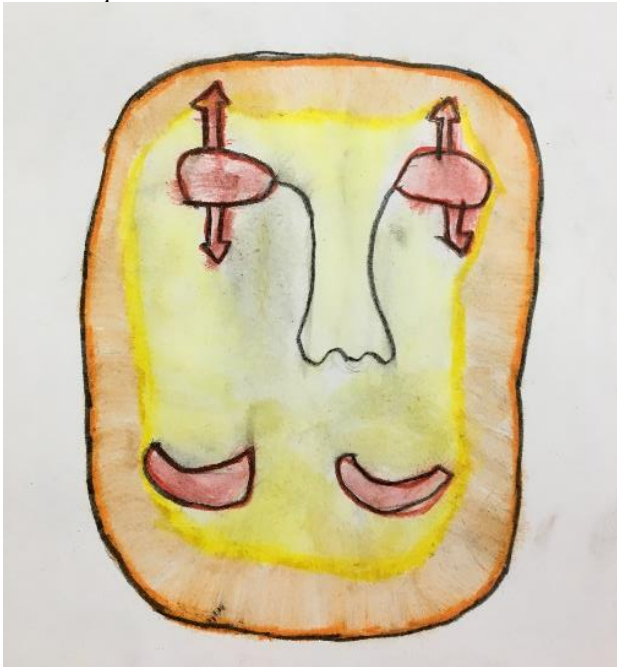
Fonte: Arquivo do autor.

Figura 10 – Resultado dos trabalhos desenvolvidos com lápis aquarelado pelo estudo das máscaras ao longo dos séculos e pelos artistas Amleto e Donato Sartori.



Fonte: Arquivo do autor.

Figura 11 – Resultado dos trabalhos desenvolvidos com lápis aquarelado pelo estudo das máscaras ao longo dos séculos e pelos artistas Amleto e Donato Sartori.



Fonte: Arquivo do autor.

2.2 – Os caminhos percorridos na experiência das *Máscaras Sociais* pelo estudo dos artistas John Ahern e Rigoberto Torres

As obras de Arte dos artistas John Ahern e Rigoberto Torres são realizadas a partir dos contextos sociais e culturais dos lugares onde visitam. Os artistas convivem, dialogam e participam de festividades relacionadas à cultura local, para, então, desenvolverem suas obras de Arte, com o cotidiano cultural das cidades por onde passam. As atividades, a partir do estudo dos artistas John Ahern e Rigoberto Torres, realizaram-se pela criação das máscaras, pela modelagem em atadura gessada e pela pintura em tinta guache. A técnica em atadura gessada foi escolhida pela proximidade com o trabalho desenvolvido pelos artistas. A ideia era aproximar os educandos dos contextos das obras de Arte e criar novas formas para o trabalho plástico dos artistas.

A experiência estética, de acordo com Dewey (2010), é um conjunto de interações entre o sujeito e o meio sociocultural do indivíduo de forma consciente e direcionada ao fazer artístico, “por ser a realização de um organismo em suas lutas e conquistas em um mundo de coisas, a experiência é a arte em estado germinal” (DEWEY, 2010, p. 84). Para Dewey (2010, p. 23),

A experiência, na medida em que é experiência, consiste na acentuação da vitalidade. Em vez de significar um encerrar-se em sentimentos e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos (DEWEY, 2010, p. 8).

A construção das aulas inicia-se pela proximidade entre o educador e os educandos, construída no cotidiano escolar. A experiência aqui exposta é uma relação de confiança durante os três anos lecionados na escola EMJSL¹¹. Os primeiros contatos com os estudantes foram de estranhamento e conflitos diários, que consistiam na insegurança dos estudantes nos *caminhos (métodos)* direcionados pela educadora. Os estudantes testavam o tempo todo o papel desta, com perguntas fora do contexto das aulas, enfrentando de forma agressiva e até com recusa em fazer algumas atividades. Procurou-se, assim, estabelecer uma relação de troca mútua, quando se proporcionava um espaço para os diálogos e reflexões durante as aulas. Ao observar a turma, percebeu-se que os estudantes necessitavam criar laços afetivos e usar a linguagem do dia a dia para que confiassem no trabalho desenvolvido em sala. Aos poucos, a confiança e o respeito passaram a ser componente primordial nas aulas de Arte. Os combinados, até hoje, são feitos

¹¹ Doravante se referirá a Escola Josefina Sousa Lima como EMJSL.

diariamente, os diálogos são direcionados de forma que os estudantes sintam-se parte do ensino e dos caminhos percorridos para o aprendizado. Os alunos dessa escola, em particular, sentem a necessidade de entender os objetivos e os direcionamentos das aulas. Talvez, seja algo particular da EMJSL. Não existem cartilhas ou receituários para conquistar a confiança e o desejo dos educandos no aprendizado em Arte. Ainda tem muito para se conhecer sobre os estudantes e seu desenvolvimento cognitivo no aprendizado em Arte. Na caminhada ao aprendizado e à experiência artística, o educador pode conhecer seu educando por suas expectativas e vivências relacionadas ao conteúdo, mas também se descobrir e se redescobrir enquanto educador/mediador dos processos artísticos no ambiente escolar.

Ao iniciar uma experiência nas aulas de Arte, o educador pode dialogar com os educandos, procurar saber as suas expectativas e relacionar os temas com seus cotidianos. Ao observar formas pelas quais os educandos se expressam, podem-se alterar os caminhos da mediação para a relação com a expressividade. Segundo Maturana (2009), as relações sociais só ocorrem quando há o desejo e a aceitação mútua para a realização de algo. E se, a princípio, os estudantes parecem não entender os motivos e os significados de obras artísticas apresentadas a eles? O entendimento é condição para o aprendizado em Arte? Nem sempre. Aos poucos, os caminhos são traçados e as desconfianças dão lugar ao novo. Podem dar lugar às descobertas, quando se reconhecem sujeitos participantes do aprendizado e quando, por exemplo, relacionam o conteúdo com parte do seu cotidiano. Dessa maneira, os educandos se tornam confiantes e abertos às novas descobertas. Para Barbosa (2012), "a arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história pessoal. Construimos a história a partir de cada obra de arte examinada pelas crianças, estabelecendo conexões e relações entre outras obras de arte e outras manifestações culturais" (BARBOSA, 2012, p. 20 e 21).

O estudo de John Ahern e Rigoberto Torres iniciou-se com o diálogo sobre algumas imagens em Power Point desses artistas. Era visível a curiosidade dos estudantes para saberem mais sobre eles. Contou-se um pouco sobre a vida e obra dos artistas John Ahern e Rigoberto Torres, de onde vinham e sobre o trabalho desenvolvido na comunidade de Brumadinho/MG, no Centro de Arte Contemporânea Inhotim. O trabalho consistia em desenvolver objetos que dialogavam com o cotidiano cultural da comunidade. A educadora contou-lhes, também, como havia conhecido os artistas e como tinha participado, como estagiária, dos trabalhos desenvolvidos no Centro de Arte Contemporânea Inhotim, intitulado *Abre a Porta, 2006, tinta automotiva sobre fibra de vidro*, conforme a imagem da figura 4. Tal trabalho tinha como objetivo aproximar a cultura popular, a comunidade de Brumadinho ao Centro de Arte Contemporânea Inhotim. Favaretto (2010) ressalta a importância da ampliação da experiência

estética a partir do estudo de artistas. O trabalho dos artistas John Ahern e Rigoberto Torres são pensados a partir dos contextos sociais e culturais dos lugares onde visitam. Os artistas convivem, dialogam e participam de festividades relacionadas à cultura local, para, então, desenvolverem suas obras expressivas, com aspectos do cotidiano e das culturas das cidades por onde passam.

O relato da experiência da educadora com os artistas permitiu uma aproximação dos estudantes com os artistas e suas obras. Entende-se que o Ensino de Arte auxilia os estudantes no estímulo ao uso da imaginação cognitiva de mundo e do universo que os cerca. E esse estímulo utiliza-se do livre exercício da curiosidade, do aprendizado investigativo e da faculdade criativa e mais viva, que desperta o aprendizado cognitivo (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003).

Logo após as imagens, no Power Point, das obras dos artistas John Ahern e Rigoberto Torres, foi passado um vídeo sobre eles, o qual mostrou a participação dos artistas nas festividades religiosas do Congado, nas danças típicas afrodescendentes, nas festas de forró nas praças, na rodoviária, no dia a dia da comunidade de Brumadinho/MG e no extinto quilombo de Brumadinho. No vídeo, foi mostrado, também, a criação das obras produzidas junto com a comunidade de Brumadinho/MG e expostas na galeria de Arte, no Centro de Arte Contemporânea Inhotim.

O contato com as imagens, o vídeo, as obras de Arte que valorizam a cultura local, as histórias contadas pela professora de como conheceu os artistas e as conversas, tudo isso despertou nos alunos o interesse pelos artistas e pelas atividades práticas desenvolvidas posteriormente (máscaras com a técnica em atadura gessada e pintura com tinta guache).

Durante o vídeo, os estudantes comentaram, de forma negativa, sobre as manifestações que se referiam à Folia de Reis e ao Congado: *Professora! Isso é coisa do capeta! Não gosto de macumba.* Ao perceber o preconceito inicial, logo a educadora interveio, explicando as origens das manifestações e como elas faziam parte da nossa cultura. Os estudantes da escola vivem em uma região carente onde a maior parte são negros e mulatos que na sua maioria frequentam as igrejas da região. Nas falas vindas dos educandos, tem-se percebido que a igreja é contra a participação de membros em vários movimentos culturais religiosos. Constantemente se escuta: *Tá amarrado! Professora! É coisa do capeta!*

O preconceito foi diminuindo à medida que os estudantes perceberam que a professora se referia à cultura africana como sendo de pertencimento da cultura brasileira. Pode-se perceber, pela experiência descrita acima, o quanto os educadores ainda são referências para os estudantes, o quanto têm a responsabilidade no processo da construção da identidade cultural.

O Ensino da Arte tem papel primordial na condução da expressão e na valorização da cultura regional. Entendendo-se que “isto não significa a defesa de guetos culturais, nem de excluir cultura erudita das classes baixas” (BARBOSA, 2007, p. 15).

Além das longas conversas sobre as obras dos artistas John Ahern e Rigoberto Torres, o vídeo proporcionou entusiasmo aos educandos, quando foram mostrados os artistas elaborando as obras de Arte. Houve bastante euforia, principalmente quando souberam que iriam fazer a experimentação das máscaras com atadura gessada nas aulas de Arte: *Professora! Vamos fazer assim?* O espanto e, ao mesmo tempo, o entusiasmo tomavam conta dos olhares atentos dos educandos que queriam experimentar a obra demonstrada no vídeo.

A primeira aula sobre a utilização da técnica em atadura gessada foi repleta de perguntas que se referiam à segurança do material. Os estudantes queriam ter a certeza de que era seguro, já que iriam colocar no rosto. Enfatizaram-se o respeito e a confiança no outro. A primeira máscara foi produzida pela educadora, que ia explicando, passo a passo, o manuseio do material. A imagem da figura 12 mostra a observação atenta dos estudantes aos processos de construção da máscara; e nas figuras 13 e 14 os estudantes estão produzindo as máscaras em atadura gessada.

Figura 12 – Aula prática, utilizando a técnica de modelagem em atadura gessada, com estudantes do 7º ano de ensino.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 13 – Aula prática, utilizando a técnica de modelagem em atadura gessada, com estudantes do 7º, 8º e 9º

anos do Ensino Fundamental.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 14 – Aula prática, utilizando a técnica de modelagem em atadura gessada, com estudantes do 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.



Fonte: Produção do próprio autor.

Percebeu-se, ao longo do processo, que os laços de afetividade e confiança foram construídos no percurso das aulas. Aos poucos, os educandos foram se organizando com uma lista das pessoas que iriam fazer as máscaras, com a arrumação das cadeiras para produzirem e a arrumação final da sala. Arrumavam a sala antes da professora chegar, ficavam na porta do corredor para pegar os materiais (já que a escola não possui sala de Arte) e, ao final das aulas, limpavam todos os restos de gesso espalhados.

A atividade não foi obrigatória, os educandos tinham liberdade de não fazer a experiência. Contudo, a maioria participou de todos os processos: o corte da atadura gessada, a aplicação da atadura no rosto do colega ou quando participava da modelagem no rosto. Percebeu-se uma proximidade maior entre educador/educando, educando/educando. Os alunos gostavam das sensações que o gesso produzia ao tocar no rosto. A imagem da figura 14 mostra alunos curiosos com a textura da atadura gessada moldada no rosto do educando. Para Dewey (2010, p. 111), a experiência é pragmática¹², requer uma ação interna que conduz a outras ações. No caminho para a experiência “há pausas, lugares de descanso, mas elas pontuam e definem a qualidade do movimento”. Larrosa (2002, p. 24), afirma que

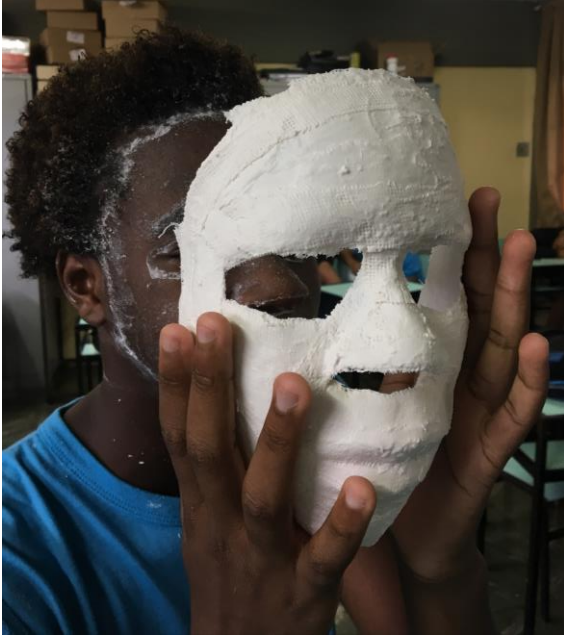
A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer para pensar, parar para olhar, para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Em depoimento, a aluna Isadora, do 9º ano, relatou que produziu, nas férias, as máscaras com a família. A aluna Priscila, do 7º ano, comentou que iria colocar a máscara na sala da sua casa. Criou-se um envolvimento com a experimentação feita em sala, os alunos envolveram-se com a atividade e fizeram com que as famílias também participassem. A aluna Eduarda, do 7º ano, em depoimento, falou da sua satisfação com aulas de Arte, de como as aulas acrescentaram para seu aprendizado. As falas, as reações e demonstrações de envolvimento pelos educandos têm auxiliado a educadora nos caminhos percorridos para o aprendizado nas aulas de Arte. As figuras 15 e 16 mostram alguns dos resultados experienciados nas aulas de Arte. Ao retirar as

¹² O movimento filosófico do pragmatismo nasceu nos Estados Unidos e foi trazido para o Brasil por Anísio Teixeira, no movimento da Escola Nova. O movimento pragmático se constituía no aprendizado a partir de uma ação experienciada. Publicado em 19 de jul. de 2010. Disponível em: <:<<https://www.youtube.com/watch?v=-Tc-vEXvg1I>> Acesso em: 08 ago. 2017.

máscaras do rosto dos estudantes, eles vibravam, soltavam um “Oooo” sonoro, “*Doido demais*” ou “*Gostei muito de aprender*”. Ficavam minutos observando e procurando elementos de identificação com o rosto do estudante que foi modelado.

Figura 15 – Modelagem em atadura gessada com os estudantes da E.M Josefina de Sousa Lima.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 16 – Modelagem em atadura gessada com os estudantes da E.M Josefina de Sousa Lima.



Fonte: Produção do próprio autor.

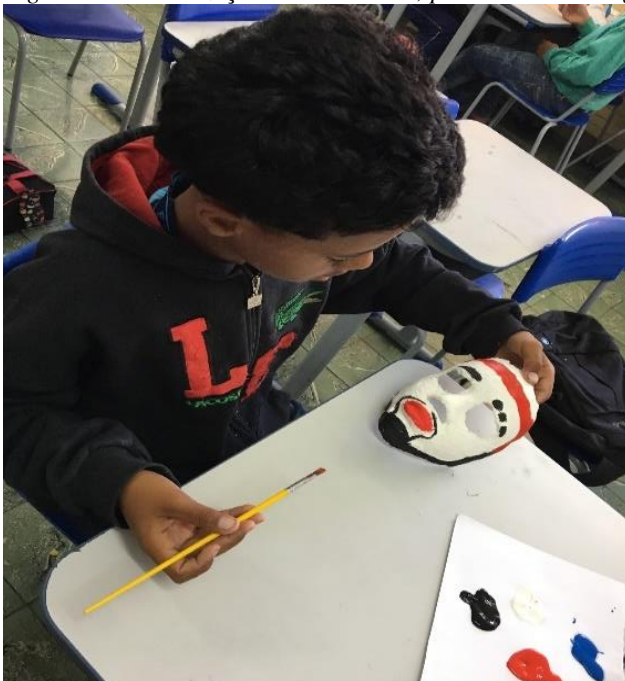
A experiência foi finalizada com criação de croquis a partir das reflexões construídas em sala, para, então, pintarem as máscaras com pincel e tinta guache como mostram as figuras 17 e 18. Nesse processo, entende-se que a experiência estética só ocorre quando há um movimento de unificação dos processos que são vivenciados em sala. Para Barbosa (2007, p. 22), “Toda atividade prática adquirirá qualidade estética sempre que seja integrada e se mova por seus próprios ditames em direção à culminância”.

Figura 17 – Finalização das máscaras, pintura com tinta guache.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 18 – Finalização das máscaras, pintura com tinta guache.



Fonte: Produção do próprio autor.

O conhecimento dos artistas, Amleto/Donato Sartori, Yasumasa Morimura e John Aherm/Rigoberto Torres, proporcionou um contato dos educandos com as possibilidades de ampliação das apropriações das possibilidades das *Máscaras Sociais*. Esse entendimento ampliou não somente o conhecimento em Arte, mas de objetos artísticos, técnicas, materiais e conceitos contemporâneos de Arte. Como consequência, viabilizou a própria importância cognitiva do ensino da Arte na instituição escolar. Segundo Pimentel (2013), a cognição é uma construção culturalmente corporizada por meio de *experiências* que interagem com o meio, com a sensibilidade estética e com a percepção no pensamento artístico. Para Larrosa (2002), a prática cria uma reflexão emancipadora, que possibilita um pensar e um existir de uma educação com sentido ao educando. As atividades, durante a pesquisa, foram desenvolvidas, pensadas na construção e na flexibilização do método como caminho para o aprendizado em Arte. A proposta da pesquisa, “*Máscaras Sociais: construindo os caminhos do aprendizado em Arte*”, foi permitir, nas aulas de Arte, o contato com as expressões artísticas e o estímulo à experiência cognitiva, pelo estudo dos artistas contemporâneos, a partir do tema *Máscaras Sociais*, o qual proporcionou aos estudantes o reconhecimento no processo de ensino, o olhar mais reflexivo sobre os sujeitos culturais/sociais pelas criações artísticas em sala de aula.

2.3 – 8 de março, Dia Internacional das Mulheres, e o Ensino de Arte na escola

Os professores de Arte das escolas públicas têm conquistado, a cada dia, o direito e o respeito da disciplina como conteúdo Arte e, assim, cada vez mais, a Arte tem se reafirmado como conteúdo nas instituições de ensino. O envolvimento do educador no desenvolvimento das atividades, as lutas constantes por mais espaço, a postura em saber dialogar sobre a disciplina vêm, aos poucos, mostrando uma coerência, seriedade e respeito pelo professor que ensina. Para Maturana (2009, p. 29), “a *educação* como ‘sistema educacional’ configura um mundo, e os educandos confirmam em viver o mundo que viveram em sua educação. Os educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveram ao ser educados no educar”. O respaldo não vem somente da escola, mas dos familiares que, muitas vezes, tecem observações com os coordenadores sobre os comentários dos alunos a respeito das atividades desenvolvidas nas aulas de Arte. Segundo Maturana (2009, p. 24),

Em outras palavras, digo que só são sociais as relações que se fundam na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, e que tal aceitação é o que constitui uma conduta de respeito. Sem uma história de interações suficientemente recorrentes, envolventes e amplas, em que haja aceitação

mútua num espaço aberto às coordenações de ações, não podemos esperar que surja a linguagem. Se não há interações na aceitação mútua, produz-se a separação ou a destruição.

No dia 8 de março comemora-se o Dia Internacional da Mulher. A maioria das escolas comemora a data com homenagens às mulheres como um todo. A coordenação da EMJSL, solicitou à educadora de Arte que fosse feito um mural em comemoração a esse dia. Muitos professores de Arte enfrentam demandas fora do contexto das aulas. Cabe ao professor pensar em maneiras de posicionar-se a respeito disso ou encontrar formas de dialogar com o conteúdo curricular da Arte. “O currículo tenta filtrar ideias e experiências vistas como conteúdo ilegítimo. Em parte, a determinação do que é apropriado pelo currículo baseia-se na ideia de promover um consenso” (FREEDMAN, 2010, p. 139). Nem sempre é possível o diálogo com o conteúdo da Arte, mas naquele instante a educadora posicionou-se para aceitar a construção do mural, a partir do momento que percebeu que poderia aliar o tema máscaras sociais com a temática das mulheres. Para López (2010, p. 188),

Muitas vezes nós professoras e professores que nos preocupamos pelos valores na educação, além dos conteúdos próprios de cada disciplina, deparamos com a dificuldade de tecer uma colcha pedagógica na qual a urdidura ética e os conteúdos próprios sejam suficientes e se encontrem coordenados e equilibrados.

O tema foi levado para a sala com algumas imagens para serem discutidas. Foram expostas para os estudantes as seguintes indagações: Como podemos relacionar o tema máscaras sociais ao dia das mulheres? Como podemos produzir um mural de Arte coletivo que relacione o pensar, refletir das *Máscaras Sociais* e as mulheres? “Se quisermos que a educação seja intelectualmente desafiadora, devemos nos responsabilizar por ensinar o que é significativo, inclusive conflitos de significado e como as coisas chegam a significar” (FREEDMAN, 2010, p. 139). Logo, os estudantes se expressaram com colocações que contribuíram com o tema. *Professora! Podíamos fazer as máscaras da mulher negra, o que acha? As máscaras relatam a forma oculta do preconceito da mulher negra.* O mural foi intitulado como “Face oculta da mulher negra”, título que surgiu após os diálogos em sala.

Para a realização do mural foi solicitado à aluna Giovanna que pesquisasse e produzisse croquis variados, para, então, escolhermos um que mais se adequasse ao tema. A criação artística não é algo que vem do nada, os artistas “estudam outros artistas, pois precisam ver e saber o que veio antes deles no mundo” (BARBOSA, 2010, p. 149). A aluna Giovanna pesquisou na Internet e recriou várias máscaras dentro do tema. Os estudantes dos 7º, 8º e 9º

anos recortaram os moldes das flores para os cabelos, conforme a figura 19. As flores tinham a função de mostrar a leveza e a beleza da mulher negra. Foram utilizados moldes, pois precisávamos de mais de 600 flores para produzir o mural. A atividade, apesar de repetitiva, auxilia a coordenação dos alunos que têm bastante dificuldades para recortar. A professora de Matemática cedeu muitas aulas para produzirmos as flores.

Figura 19 – Produção das flores para o mural do Dia Internacional da mulher.



Fonte: Produção do próprio autor.

A produção do mural foi acompanhada pela aluna Giovanna, que direcionou o trabalho plástico. Quando a professora questionou sobre o tom da boca que não contrastava com a pele, a resposta foi imediata: *Professora! Quero ressaltar a pele da mulher negra, não o batom.* Percebeu-se o quanto aquela aluna já estava pensando na estética do trabalho, o quanto já emitia opinião do que achava pertinente para o acréscimo da atividade. A figura 20 mostra a aluna Giovanna montando o mural; a figura 21 mostra o mural finalizado, o qual foi exposto na escola e remontado na exposição final, na Reitoria da UFMG.

Figura 20 – Produção do mural pela aluna Giovanna.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 21– Mural “A face oculta da mulher negra”.



Fonte: Produção do próprio autor.

2.4 – Os caminhos percorridos na experiência das *Máscaras Sociais* pelo estudo do artista Yasumasa Morimura

As máscaras contemporâneas do artista Yasumasa Morimura caracterizam o desvelar e o camuflamento de inúmeros papéis representados socialmente. O artista faz releituras de obras clássicas de personalidades em telas, fotografias, que representam diversos personagens, como Frida Kahlo, Van Gogh, Che Guevara e outros. “O mundo todo pode ser Morimura. E Morimura poder ser o mundo todo”¹³. O artista vê na sua Arte uma forma de relacionar-se com o mundo. Suas obras refletem um brincar com a própria imagem. Ao vestir-se de personalidades famosas de obras clássicas, Morimura vive, interpreta o outro. A proposta do estudo do artista Yasumasa Morimura (figura 4) proporcionou a desconstrução dos conceitos arraigados sobre máscaras e um repensar junto aos educandos sobre os papéis desempenhados na sociedade. A ideia para a pesquisa foi possibilitar um espaço de aprendizado com trocas, diálogos e experiências artísticas, aliando-se a prática artística a materiais variados, como a fotografia modificada no computador e a releitura das obras do artista pela modificação no xerox com cola colorida, glitter, recortes de revistas e papéis coloridos, canetinha e lápis de cor. Andrade (2014, p. 20) diz sobre a tecnologia que,

A contemporaneidade, através do desenvolvimento tecnológico, estreitou as barreiras culturais e possibilitou amplo contato entre artistas e suas premissas diversificadas. Mudou e questionou características de fruição artística como reflexo da própria mudança na difusão e acesso da informação.

Segundo Pimentel (2012), o uso das tecnologias no contexto escolar, algumas vezes, limita-se apenas à produção de texto e dados textuais, nem sempre havendo preocupação em ensinar o tratamento de imagens. Percebe-se que o uso das tecnologias como fotografias, câmeras fotográficas, celulares, aparelho de som e vídeos pode aproximar os educandos dos conteúdos, o que pode ampliar a percepção e participação no processo do ensino de Arte.

Nas aulas ministradas, conversou-se sobre as expressões estéticas das máscaras nas obras do artista Yasumasa Morimura. Tais expressões se caracterizam como fruição pelas cores, formas, textura, composição nos objetos e na elaboração do pensamento artístico. Foi nesse momento que surgiu um posicionamento de um educando sobre as máscaras e os contextos sociais midiáticos: *Professora! Podemos interpretar as máscaras de hoje como as*

¹³ Dolores Rodriguez. Disponível em: <http://mol-tagge.blogspot.com.br/2010/07/arte-obra-releituras-morimura.html>. Acesso em: 28 jun. 2017.

interferências das mídias e das redes sociais. Por que não fazemos as máscaras no aplicativo de celular? Assim estamos pensando nas máscaras nos dias de hoje. A partir dos diálogos realizados pelos educandos, em sala, direcionaram-se as aulas com o uso da tecnologia para a criação artística contemporânea. De acordo com Parsons (2006, p. 296),

O currículo integrado consiste, essencialmente, em ensinar para obter significado e compreensão. Não é uma questão de programar o dia da escola nem de usar determinados métodos de ensino, como o método de projetos. Trata-se de ensinar e de aprender determinados tipos de ideias com as quais nenhuma disciplina é capaz de lidar sozinha. É em cima das ideias que os/as estudantes fazem a integração.

Elaborou-se uma aula interdisciplinar, cujo objetivo era utilizar a fotografia 3x4 dos alunos, para, então, modificá-la no computador, com o auxílio do instrutor de informática.

As aulas interdisciplinares na sala de informática foram ministradas com dois educadores, um direcionou para o aprendizado do programa de desenho no computador, “GNU Gimp- Linux”, e o outro orientou para as características de textura, cor, dimensão, perspectiva, contraste e composição para o desenvolvimento artístico. Pode-se observar, conforme a figura 22, que os estudantes desenvolveram trabalhos de criação com a fotografia modificada no computador. Segundo Terraza (2003), os meios de informação têm direcionado o ser humano ao universo imagético de manipulação. As imagens estereotipadas inibem a produção criativa e dificultam os processos da experiência. Cabe à escola, segundo Terraza (2003), ensinar aos educandos maneiras de ultrapassar as barreiras da hipnotização da imagem estereotipada, para a construção do olhar do sujeito sobre o mundo.

A figura 23 mostra a aula interdisciplinar realizada na sala de informática. Durante as aulas, foram desenvolvidos trabalhos criativos, conforme a figura 24, com o tema *Máscaras Sociais*. Nesse momento, compreendeu-se que houve uma construção e o reaprender do conteúdo artístico e da relação do laboratório de informática com o aprendizado dos educandos. Hoje, os estudantes já conseguem relacionar as *Máscaras Sociais* com os contextos culturais/sociais, dentro de épocas variadas e na contemporaneidade. De acordo com Barbosa (2010, p. 111), “para ampliar os limites da tecnologia e de seu uso, é preciso pensar as relações entre tecnologia e processo de conhecimento, tecnologia e processo criador”. Já Cunha (2012, p. 266) nos diz que

é preciso educar para formar o fruidor de arte digital crítico, repetimos. Não podemos, como educadores, aceitar arte computacional como instrumento nem tampouco aceitar que somente a apresentação do computador, seus *inputs*

e outputs, para nossos alunos seja considerada educação inclusiva com promoção da cultura digital.

A figura 22 mostra a criação das máscaras (fotografia modificada no computador).

Figura 22– Criação artística das Máscaras Sociais.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 23 – Aula interdisciplinar de Arte e informática



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 24 – Produção de máscaras no computador.



Fonte: Produção do próprio autor.

2.4.1. Desdobramentos dos processos criativos: Releitura Yasumasa Morimura

As obras do artista Yasumasa Morimura utilizam-se da releitura de obras de Arte de personalidades conhecidas, para a suas criações artísticas. O artista provoca o processo criador do espectador que, ao se deparar com as obras, instiga-se com a profundidade do seu olhar, ao corporificar-se¹⁴ em suas releituras (a figura 4, p. 11 refere-se à imagem da obra do artista Yasumasa Morimura). Para Barbosa (2007), “uma releitura divergente e/ou subjetiva amplia o universo da alteridade visual e exercita o processo de edição de imagens com o qual nossa cognição visual naturalmente trabalha” (BARBOSA, 2007, p. 40). A releitura nas aulas de Arte auxilia o processo criador, à medida que o professor estimula esse processo criativo.

As releituras das obras do artista Yasumasa Morimura iniciaram com imagens no Power Point, na sala de vídeo. Foram escolhidas obras que contemplassem gêneros. Ao lado de cada releitura da obra do artista havia uma imagem da obra inspiradora. Explicou-se aos estudantes como o artista desenvolvia seu trabalho expressivo e como ele brincava com a transformação das imagens. Os educandos, em tempo algum, relacionaram as obras de Arte do artista

¹⁴ O artista Yasumasa Morimura veste-se de personagens para criar suas releituras.

Yasumasa Morimura às questões de gênero envolvendo a homofobia, a transexualidade. Ao observar tal fato, levantou-se duas hipóteses. A primeira, que a abordagem metodológica enfatizou tanto o gênero feminino quanto masculino, proporcionando aos estudantes a observação de outros pontos dentro da obra. A segunda é que os estudantes, em específico da E. M. Josefina Sousa Lima, talvez, não vivenciassem o preconceito sobre a transexualidade no seu dia a dia, como o preconceito em relação à cultura negra, enfatizada prontamente em muitos trabalhos artísticos.

Os estudantes estavam muito envolvidos com as atividades de releitura, havia constantes cobranças para o início da criação artística. O *caminho (método)* escolhido na primeira turma, para iniciar a produção artística, foi a criação a partir do xerox das obras do artista Yasumasa Morimura, com uma gama de materiais para o desenvolvimento das atividades.

Como já era esperado, os alunos ficaram motivados com a quantidade de materiais sobre a mesa: glitter, cola colorida, tesoura, papéis coloridos diversos, revista, jornal, lantejoula, canetinha, lápis de cor, xerox em folha A3 das obras do artista e outros. Foi explicada a estética e a proporção quanto ao uso dos materiais que estavam sobre a mesa. Contudo, mesmo com as explicações que antecederam o início das atividades, a maior parte dos estudantes utilizou exageradamente o glitter e a cola colorida com purpurina. Ao observar tal fato, mediou-se o desenvolvimento das aulas subsequentes com abordagens diferentes. Foi explicado aos estudantes como *o parar para pensar, parar para olhar* possibilita que algo *aconteça, a experiência* (LARROSA, 2002, p. 19, grifos do autor). Para Barbosa (2007, p. 24), “O processo de arte na produção está organicamente ligado com a estética da apreciação”.

Todavia, percebeu-se, também, que a maior parte das turmas, mesmo com as mudanças dos *caminhos (métodos)*, para a criação artística, estava com dificuldades para produzir trabalhos. A educadora observou algumas conversas entre os próprios estudantes, que estavam com receio de modificar a imagem de xerox, uns por medo de estragar o xerox que tinha uma qualidade considerável, outros por entenderem que era uma obra da qual eles conheciam o artista e deveriam ter respeito, como, por exemplo, a fala de um aluno: *podemos mesmo desenhar por cima das imagens do artista?(Espanto!)*. Já outros não se propuseram experienciar com o material.

A educadora interveio e explicou-lhes sobre a liberdade para criar e recriar as obras dentro de um processo de releitura. Após a atividade, foi entregue um texto com imagens de outras releituras de artistas, a fim de que os estudantes entendessem um pouco mais do que seria a releitura. Pode-se notar, pelas figuras 25 e 26, o quanto os estudantes participavam da realização da atividade proposta. As figuras 27 e 28 mostram alguns trabalhos finalizados de

releitura. Para Barbosa (2007, p. 15-16),

Identidade é ser para si mesma e para o outro; conseqüentemente, a identidade é encontrada entre nossas diferenças. A função das artes na formação da imagem lhe confere um papel característico dentre os complexos aspectos da cultura. Identificação é sempre a produção de uma imagem de identidade e transformação do sujeito ao assumir ou rejeitar aquela imagem reconhecida pelos outros.

Figura 25 – Estudantes desenvolvendo atividade artística de releitura a partir do estudo do artista Yasumasa Morimura.



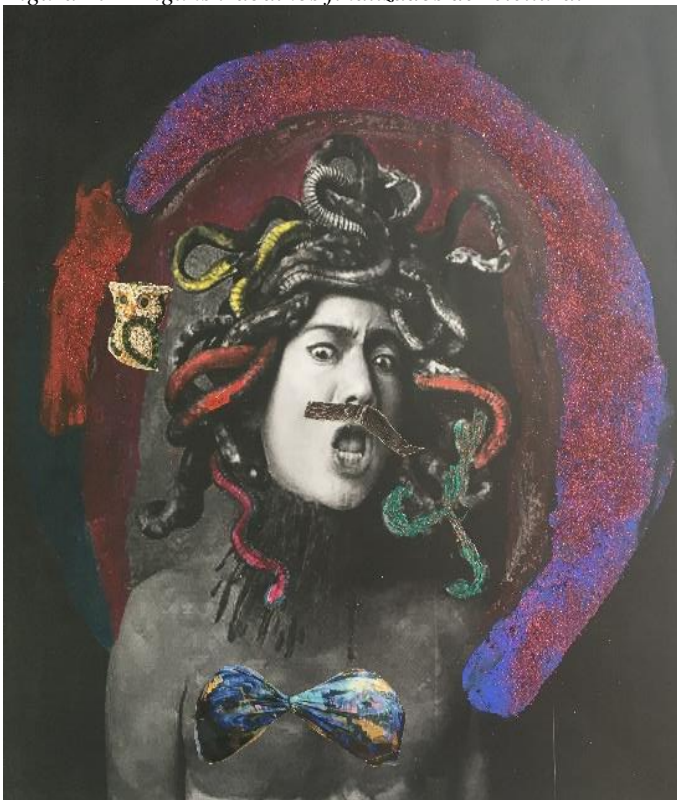
Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 26 – Aula prática da releitura do artista Yasumasa Morimura.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 27 – Alguns trabalhos finalizados de releitura.



Fonte: Produção do próprio autor.

Em conversa com o estudante Kayque, 9º ano: - *Kayque! Porque você está colorindo a Frida negra¹⁵*? Ele responde: *porque me considero negro professora*. A figura 29 mostra a releitura do aluno. Kayque se sente parte da cultura negra. Os diálogos e as manifestações artísticas possibilitam o direcionamento das aulas. Ao perceber uma fala que direciona as possibilidades para a construção das aulas, como foi o caso dos alunos da escola sobre a cultura negra, contribui-se para o desenvolvimento dos *caminhos (métodos)* das aulas que se sucedem. Para Morin; Ciurana; Motta (2003, p. 29), “não existe um método fora das condições em que se encontra o sujeito”. Os educandos, quando fazem parte do processo de ensino, apontam claramente as questões culturais expressas.

Figura 28 – Resultado de alguns trabalhos desenvolvidos de releitura.



Fonte: Produção do próprio autor.

¹⁵ Uma das releituras do artista Yasumasa Morimura é da Frida Kahlo.

Figura 29 – Releitura do aluno Kayque.



Fonte: Produção do próprio autor.

2.5 – Somos todos iguais nas diferenças: experiência estético-social a partir do vídeo clipe “Black or White”, do artista Michael Jackson

O diário de bordo esteve presente durante todo o desenvolvimento da pesquisa exploratória. A escuta foi algo que se fez presente na criação, nos caminhos a serem percorridos nas atividades de Arte, em uma troca dialógica que se configura como um princípio, para o qual Morin; Ciurana; Motta (2003, p. 36) apresentam a seguinte definição:

Princípio dialógico: num mesmo espaço mental, este princípio ajuda a pensar lógicas que se complementam e se excluem. O princípio dialógico pode ser definido como a associação complexa (complementar/concorrente/antagônica) de instâncias necessárias, conjuntamente necessárias à existência, ao funcionamento e ao desenvolvimento de um fenômeno organizado.

A criação do vídeo, a partir do clipe do artista Michael Jackson, surgiu de uma fala muito recorrente nos diálogos em sala: *somos todos iguais nas diferenças*. Essa fala referia-se às intensas discussões sobre o respeito à cultura do outro, do direito de ser e de se expressar. Morin; Ciurana; Motta (2003, p. 37) nos dizem que é impossível pensar a sociedade e os

indivíduos isoladamente, que “a dialógica entre indivíduo e sociedade deve ser pensada num mesmo espaço”.

Ao observar os comentários dos estudantes durante as atividades, *diário de bordo*, construíram-se formas de se trazer o diálogo com outras culturas, em ampliar o repertório das trocas iniciadas em sala. Foi quando se recordou do vídeo clipe do artista Michael Jackson, “Black or White”, o qual remetia às relações interculturais¹⁶. A interculturalidade, de acordo com Barbosa (2007), acontece quando há o reconhecimento do outro, quando há uma interação entre culturas de diferentes grupos sociais. E esse reconhecimento é o que o Ensino de Arte poderá proporcionar, quando caracteriza a cultura de outras nações. Barbosa (2007, p. 15) nos ensina sobre a identidade cultural e o Ensino da Arte na formação do sujeito:

A função das artes na formação da imagem da identidade lhe confere um papel característico dentre os complexos aspectos da cultura. Identificação é sempre a produção de “uma imagem de identidade e transformação do sujeito ao assumir ou rejeitar aquela imagem reconhecida pelo outro.

Os estudantes, ao assistirem ao vídeo clipe do artista Michael Jackson, *Black or White*, logo se animaram com a ideia de produzirem o final do vídeo que remetia à *interculturalidade*. A princípio, receou-se por se tratar de um artista estrangeiro, de épocas diferentes dos educandos, porém os comentários, pronunciados durante a aula, demonstravam o quanto os estudantes gostavam das imagens, da melodia e da dança muito presente no ambiente escolar, no curso do contraturno, ofertado pela *Escola Integral*¹⁷. Os estudantes logo relacionaram o vídeo clipe com as *máscaras sociais* e as relações interculturais. Cunha (2010, p. 259) nos diz sobre o conhecimento e o uso de tecnologia no Ensino de Arte:

Concebemos a *e-Arte/Educação* como construção de conhecimento, em que cognição está inserida no “processo pelo qual o organismo torna-se consciente de seu meio ambiente”, por meio de experiências significativas ao longo de um processo, pois “refinar os sentidos e alargar a imaginação é o trabalho que a arte faz para potencializar a cognição.

Nas aulas que sucederam ao vídeo buscou-se a *tradução* para que os estudantes pudessem procurar traços, elementos interculturais na letra. Os alunos começaram a perceber

¹⁶ De acordo com Barbosa (2007, p. 14), o termo “intercultural” significa a interação entre diferentes culturas.

¹⁷ A Escola Integral da PBH é uma política de Educação Integral no município de Belo Horizonte, que aumenta o tempo de permanência dos estudantes no ambiente escolar, a circulação e os espaços de aprendizagem desses estudantes. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/informacoes/pedagogico/educacao-integral>. Acesso em: 15 jun. 2018.

que as imagens iam além do que a palavra diz. Os comentários feitos durante a aula demonstravam o quanto os alunos já conseguiam emitir opiniões. Ao final da aula, foi pedido aos estudantes que escrevessem sobre o ocorrido. Um dos educandos posicionou-se: *As imagens do vídeo clipe é mais da hora que a letra.*

Nas aulas subsequentes, foi preparada uma aula com sequência de dois momentos. O primeiro foi para uma aula explicativa/participativa sobre a gravação: primeiro e segundo plano de vídeo, foco das imagens, sequência na gravação, funcionamento da câmera de vídeo e fotografia. Enfim, a primeira parte da aula foi uma oportunidade de os estudantes conhecerem melhor os equipamentos e direcionamentos para a gravação. No segundo momento, os estudantes usaram os adereços, maquiagens, adornos para criarem máscaras, personagens. Criou-se uma relação com o artista Yasumasa Morimura, que se utiliza do brincar e do vestir-se de personagens para produzir a sua obra. A figura 4 refere-se à imagem da obra do artista Yasumasa Morimura. Sendo assim,

A prática educacional na pedagogia do conhecimento imaginativo reconhece que ensinar envolve mediação interativa. Em arte envolve pensar, contextualizar, fazer arte e a habilidade de fruir obras de arte, focalizando na potencialidade que as obras de arte têm em suas estruturas metafóricas. Sua prática potencializa a vivência pessoal e/ou bagagem imagética do aluno, gerando maior capacidade cognitiva em quaisquer práticas do conhecimento. (PIMENTEL, 2010, p. 224).

Na maior parte das vezes, os estudantes ficam bastante agitados com a atividade fora da sala de aula quando expandem-se os limites do aprendizado com recursos tecnológicos, materiais ou técnicas que fogem do cotidiano comum das aulas. A ansiedade e agitação causadas pela vontade de produzir o vídeo não permitiu uma concentração por parte dos estudantes. Ao findar a aula, refletiu-se sobre as etapas de criação e sobre a necessidade de auxílio de outro profissional, para a realização das aulas subsequentes.

Foi solicitado o auxílio da professora de Matemática. A escolha da professora se deve pela afinidade com a utilização dos recursos tecnológicos e por ser uma profissional que se interessa em produzir, junto aos alunos, trabalhos que fogem do formato tradicional de enfileiramento de carteiras. O planejamento foi realizado em conjunto, como podemos notar nas figura 30 e 31.

Figura 30 – Aula vídeo.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 31 – Aula vídeo.



Fonte: Produção do próprio autor.

A aula foi realizada com os estudantes que estavam bastante participativos na atividade proposta (figuras 32 e 33). Realizaram-se diversos vídeos, como *Manequim humano*¹⁸,

¹⁸ Manequim humano: Consiste em um vídeo no qual os personagens ficam parados e há somente o movimento da câmara.

*Boomerang*¹⁹ e o vídeo *Transformação*. Este foi baseado na interculturalidade presente no vídeo clipe, *Black or White*. Alguns estudantes imediatamente se prontificaram em manipular a câmara. Logo, outro estudante ficou encarregado de auxiliar na organização dos adereços e maquiagens. O resultado pode ser observado nos processos de criação, nos registros feitos pelos educadores e educandos e nos vídeos editados.

Figura 32 – Produção de vídeo.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 33 – Bastidores da produção do vídeo.



Fonte: Produção do próprio autor.

¹⁹ Boomerang: é uma interface que tem somente um botão principal, que dispara dez fotos contínuas no smartphone. Em seguida, o aplicativo constrói, automaticamente, um vídeo de 1 segundo.

A produção do vídeo foi realizada por todas as turmas do 7º, 8º e 9º anos. Ao finalizar, junto com a educadora de Matemática, houve a edição do vídeo intitulado “*Transformação*”²⁰. O resultado da experiência do vídeo foi visto na exposição da Reitoria da UFMG e na realização do evento do *Cine Pipoca* na escola. Este foi realizado na EMJSL, para finalização do projeto. A ideia do “Cine Pipoca” foi divulgar aos estudantes as imagens e os vídeos produzidos pelos educandos/educador durante as experiências artísticas no ano de 2017 (figuras 34 e 35).

Figura 34 – *Cine Pipoca*.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 35 – *Cine Pipoca*.



Fonte: Produção do próprio autor.

²⁰ O vídeo *Transformação* foi baseado na interculturalidade presente no vídeo clipe *Black or White*.

Pôde-se constatar nas falas e nos olhares, durante a apresentação no *Cine Pipoca*, o quanto os alunos estavam satisfeitos e orgulhosos com os trabalhos que haviam realizado. O vídeo consistia nas fotos dos processos, criadas durante as atividades desenvolvidas nas aulas de Arte, e no vídeo *Transformação*. A escolha do vídeo clipe e da trilha musical do artista Michael Jackson se deve pelo âmbito intercultural, global, expresso nas imagens do vídeo clipe. O intuito foi trazer a reflexão sobre as máscaras e sua relação intercultural, em que os educandos pudessem se identificar ou não com a cultura visual do outro. “A arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual” (BARBOSA, 2010, p. 99).

O projeto iniciou-se a partir dos conhecimentos trazidos pelos educandos, observados nos diálogos realizados nas aulas de Arte. O vídeo possibilitou uma ampliação do olhar sobre as *máscaras sociais* e a *interculturalidade* presentes no vídeo. Para Cunha (2010, p. 263), “a natureza epistemológica da apreciação estético-digital se configura de fato num processo interacionista tecno-humano”. A fala dos estudantes, ao findar o vídeo, era somente uma: *coloca mais uma vez professora!*

3 – EXPERIÊNCIAS ESTÉTICO-SOCIAIS: UNIVERSIDADE, ESCOLA E O PROJETO “MÁSCARAS SOCIAIS”

Um dos desafios para o professor de Arte é criar aulas que proporcionem experiências aos educandos, permitindo-lhes perceber os possíveis imprevistos como partes dos processos expressivos e modificá-los quando desejável. Segundo Nóvoa (1992), as diferentes realidades nos mostram que, de alguma forma, na pesquisa exploratória, podemos criar elos entre teorias educacionais e as realidades profissionais escolares, por meio dos profissionais que conheçam e vivenciem o cotidiano escolar.

Esta pesquisa procurou verificar o desenvolvimento da *experiência* no ensino de Arte, no ambiente escolar.

Segundo Barbosa (2010), as relações que envolvem as práticas pedagógicas em Arte e a formação docente têm sido objetos de estudo de pesquisadores educacionais nas últimas décadas. Há uma preocupação com a formação inicial dos professores, no sentido de contribuir com as práticas educativas no ambiente escolar. Para Kishimoto (2002, p. 109), “o aluno em contato com livros no interior da universidade ou cursos de formação, mas que pouco vai à realidade, às escolas, para observar e aprender no contexto como se processa a relação ensino/aprendizagem”. A formação docente, portanto, requer um constante pensar/repensar das teorias e práticas integradas. Para Nóvoa (2007, p. 14)²¹,

A formação do professor é, por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, mas há um déficit de práticas, de refletir sobre as práticas, de trabalhar sobre as práticas, de saber como fazer. É desesperante ver certos professores que têm genuinamente uma enorme vontade de fazer de outro modo e não sabem como. Têm o corpo e a cabeça cheios de teoria, de livros, de teses, de autores, mas não sabem como aquilo tudo se transforma em prática, como aquilo tudo se organiza numa prática coerente.

Entende-se que é preciso relacionar as teorias com as práticas escolares na formação do educador de Arte. Necessita-se de uma articulação entre a docência, por exemplo, nas escolas básicas e as instituições formadoras. Para Freire (2002, p. 26), “o importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das instituições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica”. Nessa perspectiva da ação e reflexão dos *diálogos formativos*, fundamentados por Freire (*apud* ZITKOSKI, 2010, p. 20), que surgiu a ideia de expor os trabalhos desenvolvidos pelos educandos na UFMG. A exposição culminou

²¹ Palestra publicada pelo Sindicato dos professores de São Paulo, em 2007, p. 14.

com atividades integradoras referentes à visita dos discentes da Escola de Belas Arte/UFMG²², Faculdade de Educação/FAE, e com a visita dos estudantes da Escola Josefina Sousa Lima.

As atividades com os discentes universitários, na exposição *Máscaras Sociais*, proporcionaram trocas, experiências e discussões das metodologias no Ensino de Arte e de práticas artísticas no contexto escolar. As experiências e trocas com os estudantes da EMJSL foram sobre especificidades da UFMG e trabalhos artísticos apresentados na exposição. A maior parte dos alunos da EMJSL não conhece nenhuma universidade. O objetivo da visita à exposição com os estudantes foi criar acesso ao ambiente universitário e valorizar a exposição das expressões artísticas desenvolvidas pelos educandos.

A exposição *Máscaras Sociais: Construindo caminhos para a experiência em Arte* foi dividida em três ambientes. O primeiro ambiente: *hall* de entrada, onde foram apresentados o texto sobre a exposição e as fotografias dos educandos na construção dos processos artísticos. Tais processos resultaram na *caixa com máscaras*, no *mural das mulheres* e nas *releituras do artista Yasumasa Morimura*. O segundo ambiente: fotografia dos processos artísticos, máscaras pintadas em guache de atadura gessada e desenhos das máscaras carranqueiras. O terceiro ambiente: fotografias modificadas em computador, pinturas em tela, produção de vídeo e mural interativo para os visitantes interferirem na obra. A organização se fez a partir do pressuposto do que Barbosa (2015) entende como *Virada Educacional*, “artistas que apresentam seu trabalho educacional como Arte; artistas que se engajam no ensino da Arte” (BARBOSA, 2015, p. 23).

Para a realização da exposição, participou-se do edital 003/2017/CENEX-EBA, para utilização do espaço da Escola de Belas Artes, na Reitoria/UFMG. A partir do resultado do processo seletivo e da proposta artística para utilização do espaço, começou-se a articular todas as etapas para a exposição: produção, divulgação, patrocínio, catálogo, convite, vernissage e montagem das obras (apesar do edital contemplar uma ajuda de custo para a realização do projeto, não foi suficiente para realizar a exposição). A figura 36 mostra o convite da exposição, construído a partir das expressões artísticas desenvolvidas pelos educandos.

Os alunos da escola EMJSL visitaram a exposição e a Escola de Belas Artes/EBA-UFMG. Os discentes da EBA/UFMG e Faculdade de Educação/UEMG²³ visitaram a exposição e dialogaram sobre os caminhos experienciados dos processos artísticos, desenvolvidos pelos educandos, durante a pesquisa do mestrado. A figura 37 mostra o registro da TV UFMG na

²² Doravante se referirá a Escola de Belas Artes/UFMG como EBA/UFMG.

²³ Doravante se referirá a Faculdade de Educação/UEMG como FAE/UEMG.

exposição *MÁSCARAS SOCIAIS*²⁴ e as figuras 38 a 47 apresentam imagens da exposição na Reitoria/UFMG.

Figura 36 – Convite da exposição.

Escola Belas Artes - EBA/UFMG
Escola Municipal Josefina de Sousa Lima
Convidam para a exposição

ABERTURA
27 DE MARÇO DE 2018,
19:30 AS 21:30

VISITAÇÃO
28 DE MARÇO A
24 DE ABRIL

COORDENAÇÃO
Laura Paola
Fabrício Andrade

APÓIO

MÁSCARAS
SOCIAIS

CONSTRUINDO OS CAMINHOS PARA O
APRENDIZADO EM ARTE

Resultado da pesquisa desenvolvida no
mestrado profissional - ProfArtes

ENDEREÇO: AV. REITOR MENDES PIMENTEL PAMPULHA BELO HORIZONTE / MG, 31710-220
Reitoria UFMG

Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 37 – Interação dos funcionários da UFMG durante a montagem da exposição, *Máscaras Sociais*, e o

²⁴ A exposição foi divulgada pela TV UFMG e TV UEMG, que gravaram reportagens, e pelos sites da UFMG, Belotur e Belo Horizonte Surpreendente.

registro da TV UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 38 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 39 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 40 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 41 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 42– Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.



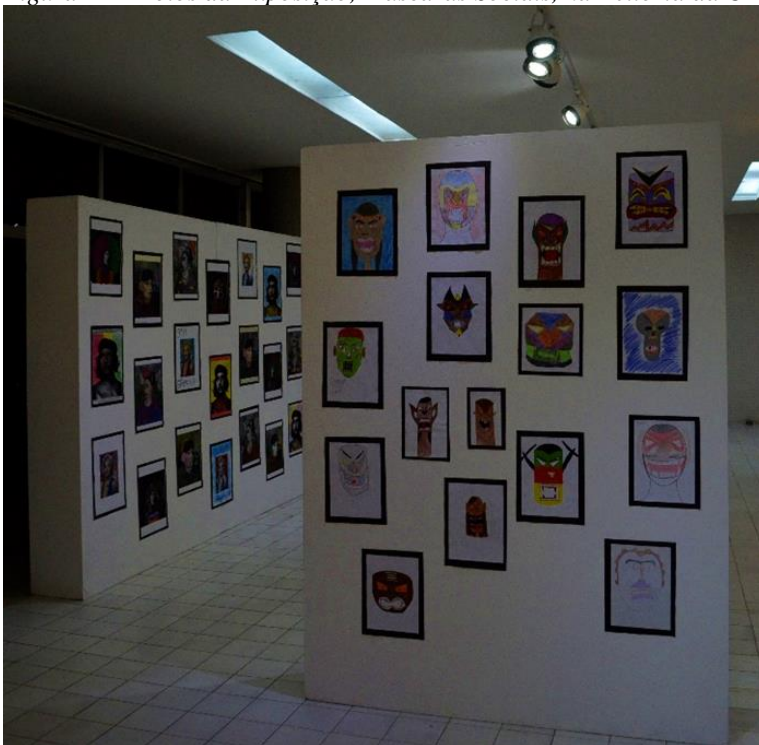
Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 43 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 44 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 45 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 46 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 47 – Fotos da Exposição, Máscaras Sociais, na Reitoria da UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

3.1 – Experiência dos educandos na exposição *Máscaras Sociais* e na visita ao campus da UFMG

Nas últimas décadas, podemos mencionar alguns pesquisadores no Ensino de Arte, como Andrade (2014), Barbosa (2015), Pimentel (2007) e Cunha (2010) que nos apontam a importância de estimular *experiências* que sejam culturalmente importantes para os educandos. Barbosa (2007) ressalta a importância de relacionar o conteúdo com o dia a dia dos alunos. Estes, ao perceberem uma proximidade do conteúdo com o seu cotidiano, sentem-se mais confiantes para as novas *experiências*. E fazem parte dessas *experiências* os diálogos entre educador/educando e as trocas vivenciadas durante a construção do conhecimento nas aulas de Arte.

Os estudantes da EMJSL perguntavam sobre o local da exposição, a maior parte não sabia o que era a UFMG. Eles vêm de regiões com graves problemas sociais, econômicos e poucos conseguem ultrapassar as barreiras sociais nas quais se encontram. A escola, por sua vez, tem a responsabilidade de ampliar o olhar do estudante sobre a sociedade. Para Barbosa (2007, p. 15)

Todas as classes têm o direito de acesso aos códigos da cultura erudita porque esses são os códigos dominantes - os códigos do poder. É necessário conhecê-los, ser versado neles, mas tais códigos continuarão a ser um conhecimento exterior a não ser que o indivíduo tenha dominado as referências culturais da própria classe social, a porta de entrada para a assimilação do "outro". A mobilidade social depende da inter-relação entre os códigos culturais das diferentes classes sociais.

A chegada dos alunos na Reitoria/UFMG foi repleta de perguntas sobre o espaço, a forma da arquitetura, o uso da biblioteca e as funções da universidade. Uma das alunas disse: *vamos fazer silêncio, estamos em um lugar muito chique*. Foi explicado o que era uma Reitoria²⁵ e qual sua função dentro da universidade. Os estudantes visitaram a exposição, comentaram sobre os trabalhos artísticos expostos e um deles disse que estava orgulhoso do seu trabalho. As figuras 48, 49, 50, 51 e 52 mostram os estudantes visitando a exposição “Máscaras Sociais”.

Figura 48 – Estudantes visitando a exposição Máscaras Sociais.



Fonte: Produção do próprio autor.

²⁵ A Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais tem como principal função assessorar a Administração da Universidade nos assuntos relativos à pesquisa Científica e Tecnologia, estimular e fomentar a atividade de pesquisa na universidade, tendo como referência a qualidade e a relevância, para bem cumprir o papel de geradora de conhecimentos e de formação de recursos humanos. Disponível em: <https://www.ufmg.br/prpq/pro-reitoria-de-pesquisa/>. Acesso em: 01 jun. 2018.

Figura 49 – Estudantes visitando a exposição Máscaras Sociais.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 50 – Visita dos estudantes da EMJSL à exposição na Reitoria da UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 51– Visita dos estudantes da EMJSL à exposição na Reitoria da UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 52 – Visita dos estudantes da EMJSL à exposição na Reitoria da UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

O mural das mulheres, *A face oculta da mulher negra*, foi fruto de uma construção artística e de uma prática pedagógica desenvolvida com os educandos a partir de uma demanda da escola para o dia das mulheres. Os educandos, a partir das trocas e reflexões sobre a importância da mulher negra na sociedade, direcionaram as experimentações artísticas que culminaram no mural. Além do mural das mulheres, o espaço 01 teve releituras do artista Yasumasa Morimura, que evidenciavam expressões de protesto²⁶ e cunho social/artístico desenvolvido nas aulas de Arte.

No segundo espaço estavam os trabalhos do estudo dos artistas John Ahern e Rigoberto Torres, desenvolvidos com os estudantes, e as máscaras carranqueiras²⁷. O estudo dos artistas John Ahern e Rigoberto Torres despertaram os educandos para o estudo das raízes culturais e religiosas africanas. As máscaras carranqueiras associavam-se a lendas, à cultura do Rio São Francisco e aos artesãos do norte de Minas.

No terceiro espaço havia trabalhos artísticos relacionados ao uso das tecnologias, como a fotografia modificada no computador, a produção do vídeo *Transformação*, desenvolvido a partir do vídeo clipe *Black or White*, do artista Michael Jackson, e as telas pintadas com tinta guache. As fotografias modificadas no computador foram produzidas a partir do estudo do artista Yasumasa Morimura. O vídeo *Transformação* surgiu dos diálogos sobre a interferência de outras culturas em nossas vidas, da valorização da nossa cultura e do respeito à cultura do outro. Além do vídeo *Transformação*, havia um vídeo que mostrava todo o processo criativo dos educandos, o que possibilitou a visão do visitante para desenvolvimento das experiências que antecederam a exposição.

No final do terceiro espaço da exposição, montou-se um mural em branco com orientações para os visitantes interagirem com desenhos de máscaras. As orientações no mural foram: *Desenhe sua Máscara; Instruções: Liberte sua mente, identifique-se e aproprie-se*. O objetivo do mural foi aproximar os visitantes das fruições do tema *Máscaras Sociais*.

O mural, *Desenhe sua Máscara*, logo ficou repleto de grafismos feitos pelos visitantes. Anteriormente, decidiu-se não assinar nenhum dos trabalhos, por ser uma construção coletiva, da produção artística dos educandos, nos processos experienciados em sala. Ao chegar à exposição um dos alunos perguntou onde estava o nome dele. Percebeu-se que os estudantes

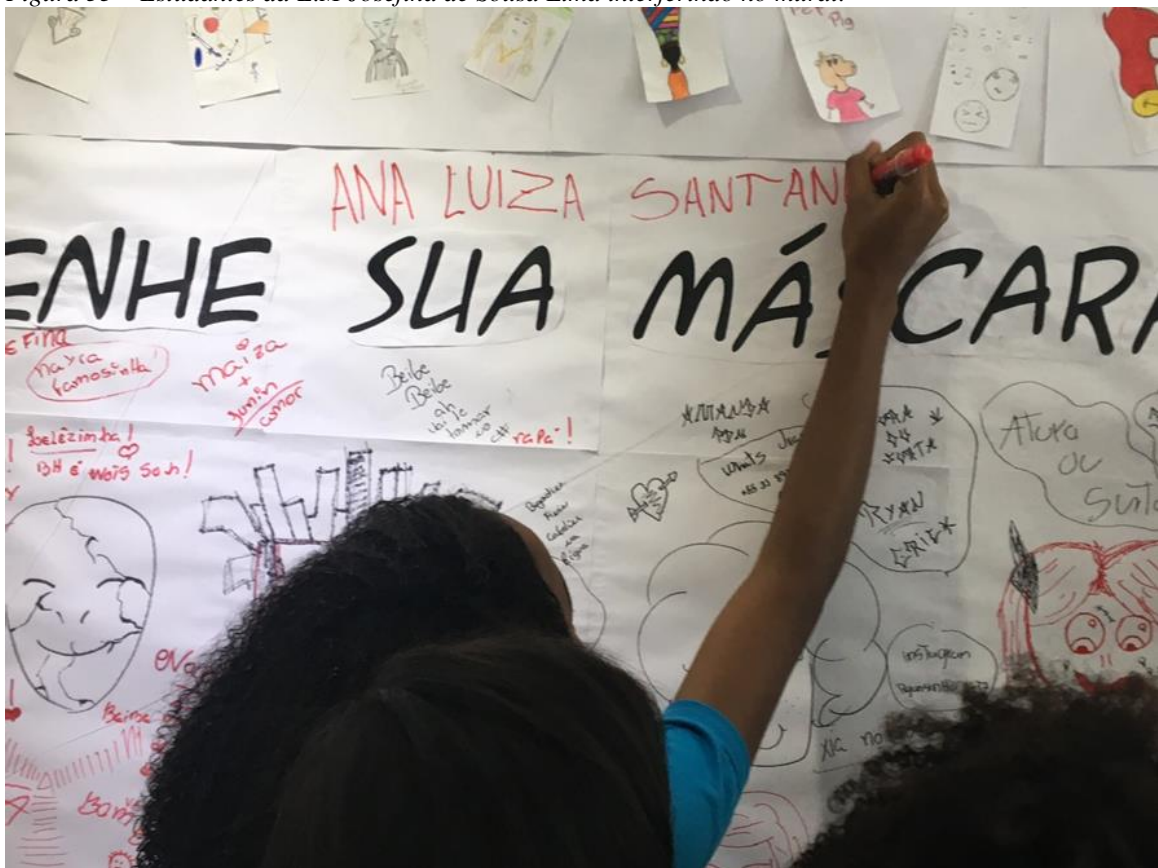
²⁶ Em muitos trabalhos dos educandos podemos perceber o cunho social/artístico e de protesto, como foi o caso de escritos ou colagens com dizeres nas releituras como: *atura ou surta, BH é quem? Olha eu aqui*.

²⁷ As máscaras carranqueiras se referem à pesquisa do artesanato do Norte de Minas. As carrancas são esculturas de madeira que eram utilizadas pelas embarcações para proteção contra os maus espíritos que segundo a lenda habitavam o Rio São Francisco. Na atualidade, as carrancas são vendidas como atrativo turístico.

tinham a necessidade de afirmação da identidade nos trabalhos artísticos produzidos por eles. Durante a visita na exposição na Reitoria/UFMG, os estudantes não interferiam no mural com desenho de máscaras como solicitado nas instruções. Eles colocavam suas assinaturas como sinal de apropriação e criação dos trabalhos. A assinatura representava a afirmação dos estudantes com a identidade artística. A identidade, segundo Barbosa (2007. p.14), é “um processo dinâmico, enriquecido através dos diálogos e trocas culturais”. Os educandos tinham aprendido, durante as experiências em sala, a valorizarem a criação artística fruto da construção coletiva e individual.

Os estudantes, geralmente, têm vergonha de exporem seus trabalhos com a assinatura. Mas, naquele momento, compreendeu-se a necessidade da maioria de exibir o resultado dos processos artísticos. A figura 53 mostra os estudantes interferindo no mural.

Figura 53 – Estudantes da E.M Josefina de Sousa Lima interferindo no mural.



Fonte: Produção do próprio autor.

O Ensino de Arte também como processo *reflexivo* permite ao pesquisador/professor observar e refletir criticamente sobre os processos que conduzem a pesquisa. Pensar e repensar os caminhos fazem parte de uma prática pedagógica em que o educador/pesquisador pode buscar *caminhos (métodos)* de diálogos no ensino/aprendizado de Arte. Nessa perspectiva,

Tourinho (2012, p. 18) afirma que, “também, é igualmente importante que o/a pesquisador/a se posicione criticamente ao analisar suas vivências, método e dados, problematizando suas escolhas e ideias, e construindo novas indagações para futuros estudos”.

Para finalizar a primeira parte da visita no Campus Pampulha-UFMG, houve dificuldades percebidas pela coordenadora pedagógica da escola. As falas dos estudantes eram: *posso tirar só mais uma foto? Vou ver só mais um pouquinho, por favor!* Os estudantes subiam e desciam as escadas, revisitavam várias vezes os seus trabalhos expostos e visitavam a exposição *FEMINAE*, no saguão da Reitoria: exposição com obras em tela, fotografia e outros, realizadas por artistas femininas. A estudante Nayara, 9º ano, escreveu em postagem na rede social do *Facebook*: *Esperando ansiosamente pela faculdade aahhhhh*. Após a visita às exposições, *Máscaras Sociais e FEMINAE*, visitou-se, a pedido dos próprios alunos, a Biblioteca Central da UFMG; em seguida, foi-se à praça de alimentação e caminhou-se até a EBA/UFMG.

3.2 – Visita dos estudantes da E.M Josefina de Sousa Lima à Escola de Belas Artes/UFMG

No caminho da Reitoria até a Escola de Belas Artes/EBA-UFMG houve diálogos e vivências entre os estudantes e entre os estudantes e os espaços diversos. As vivências possibilitaram *experiências* que são a força *motriz e vinculante* que mantém os sujeitos em processo de aprendizado (BURNHAM e KAI-KEE, 2011 p. 63, grifos do autor).

Ao chegar na EBA/UFMG, explicou-se aos estudantes como seria a visita nos espaços da Faculdade de Arte. Os educandos da EMJSL, em particular, sentem a necessidade de saber os direcionamentos pedagógicos, antes de iniciar as atividades propostas. À medida que os estudantes entendem e fazem parte dos *caminhos*, sentem-se mais confiantes no aprendizado. Há uma troca de confiança entre o educador e o educando em relação aos *caminhos (métodos)* a serem percorridos. Segundo Meira e Pillotto (2010, p. 29), a flexibilização dos métodos “é abrir novos espaços sem perder de vista a essência proposta do objeto a ser estudado. Mais do que isso é estarmos dispostos a criar vínculos afetivos que nos auxiliarão nos processos de ensinar e aprender”.

A visita à EBA/UFMG iniciou-se com um lanche coletivo na praça central, os estudantes observavam atentos o local. Freqüentadores da EBA/UFMG também estavam observando os estudantes da E.M Josefina Sousa Lima; *afinal, quem eram aqueles alunos? O que estavam fazendo naquele espaço?* Um dos discentes da EBA/UFMG, sentado em um banco

próximo, resolveu desenhar alguns estudantes que estavam lanchando. Os alunos da EMJSL logo perceberam que estavam sendo desenhados e fizeram uma roda em torno do rapaz para ver o processo do desenho. Havia muitos comentários sobre o local e sobre as pessoas. Uma das estudantes disse: *Professora! Tem muita gente diferente aqui ne?! A figura 54 mostra os educandos da EMJSL e o estudante da EBA/UFMG.*

Figura 54 – Educandos da EMJSL e o discente da EBA/UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

Os estudantes da EMJSL visitaram os ateliês de escultura, desenho, pintura e exposição de fotografia. Em cada ateliê houve uma explicação sobre as aulas, técnicas e materiais utilizados. No ateliê de escultura, os estudantes ficaram muito impressionados com a escultura de um puma que estava em cima da mesa (figura 56). No ateliê de desenho, gostaram muito de folhear um livro de uma desenhista e ver os desenhos de uma das discentes (figura 57). Já no ateliê de pintura, os estudantes da EMSL ficaram instigados com as telas do local (figura 58). Percebeu-se, naquele instante, pela reação de cada estudante, o quanto a visita trouxe vivências significativas para o ensino/aprendizagem de Arte a partir do contato com os espaços universitários da UFMG. De acordo com Andrade (2014), o significado para o ensino se relaciona a uma *ação que integra uma experiência de fruição*. E essas experiências só serão experiências com sentido de fruição se tiverem bases com conexões a partir de vivências do educando. As figuras 55, 56, 57 e 58 mostram alguns momentos dos educandos na Escola de Belas Artes.

Figura 55 – Visita aos espaços EBA/UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 56 – Visita dos educandos ao Ateliê de escultura.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 57 – Vista dos educandos ao Ateliê de desenho.



Fonte: Produção do próprio autor.

Figura 58 – Vista dos educandos ao Ateliê de Pintura.



Fonte: Produção do próprio autor.

Ao final da visita, os estudantes ainda estavam conversando sobre as vivências no espaço universitário. Um deles aproximou-se e relatou: *Professora! Quando vi que iríamos conhecer a UFMG, logo fui no Google maps para conhecer o lugar. Percebi que só havia prédios e árvores, mas quando chegamos aqui percebi o quanto isso tudo aqui é incrível. Sempre que tiver eventos deste tipo, pode me chamar.* O estudante acrescenta: *A Arte desperta, para você ver, a gente estuda em escola pública, mora numa área não favorecida, que não tem muito contato com a Arte, aí gente vem ver a nossa própria exposição que a gente ajudou a fazer, o trabalho que eles fazem na escola de Belas Artes, aí a gente vê uma coisa tão bonita que está perto da gente, que a gente pode se aproximar.* “Aprender é algo inesperado, não linear, divertido e lida com a abertura ao desconhecido. E na maior parte do tempo isso não acontece isoladamente, mas sim em experiências de conversas mediadas” (WOON, 2011, p. 85). Outro estudante acrescentou: *Foi muito bom ver nosso trabalho aqui, a Arte é para ser mostrada!*

Durante toda a semana, os estudantes conversaram sobre as vivências no *campus* da UFMG. Nas aulas de Arte subsequentes, conversou-se sobre a visita à exposição, na universidade e na EBA/UFMG. Os alunos puderam rever algumas vivências durante a visita e relatar aos colegas que não foram.

A exposição na Reitoria/UFMG, o contato com a universidade e com a EBA/UFMG foram repletos de experiências que, posteriormente, refletirão nas formas como os estudantes se relacionam com o conhecimento da Arte no contexto escolar. Para Charlot (2000, p. 82),

Desse ponto de vista, dizer que um objeto, ou uma atividade, um lugar, uma situação, etc., ligados ao saber têm um sentido, não é dizer, simplesmente, que têm uma “significação” (que pode inscrever-se em um conjunto de relações); é dizer, também, que ele pode provocar um desejo, mobilizar, por um movimento um sujeito que lhe confere um valor.

A Escola Municipal Josefina Sousa Lima foi acolhida por todos os discentes que cederam prontamente parte da sua aula para explicar aos estudantes sobre os ateliês, técnicas e materiais. Os funcionários, coordenação e direção da EBA/UFMG foram muito atenciosos e se dispuseram a ajudar prontamente. Pode-se perceber uma abertura para o diálogo entre a Escola de Belas Artes e a escola pública. Espera-se que outros projetos de interlocução entre escola pública e a universidade se concretizem.

3.3 – Experiência da pesquisa *Máscaras Sociais* com os cursos de licenciatura da EBA/UFMG e FAE/UEMG

Para um diálogo de extensão entre a universidade e a escola, necessita-se de uma ação mais duradoura, de um caminho experienciado pelas instituições durante os cursos de licenciatura. Entende-se que essa experiência entre a universidade e a instituição escolar do Ensino Básico pode ser um início para a construção de futuras experimentações. Iniciativas como o projeto *MÁSCARAS SOCIAIS* são apenas um pequeno caminho a percorrer no diálogo entre a escola e a formação epistemológica de Arte. Para Andrade (2014, p. 91),

O campo de conhecimento em Arte é um dos âmbitos mais incisivos para quebrar a ideia de que os códigos regem a experiência do viver. As ideologias podem reger a concepção de alguns movimentos artísticos, mas o universo da Arte e do ensino de Arte são mais extensos e atingem inúmeras instâncias de possibilidades perceptivas a partir de nossos aparatos sensoriais.

Os discentes do curso de licenciatura da EBA/UFMG e FAE/UEMG visitaram a exposição “*Máscaras Sociais*” para uma aula sobre a pesquisa do mestrado. A pedido dos docentes, Rosvita Kolb Bernardes/EBA-UFMG e Fabrício Andrade/FAE-UEMG, os discentes visitaram a exposição para, depois, conversarem sobre os processos experienciados na pesquisa do mestrado. Já com outra turma de licenciatura da EBA/UFMG, orientada pelo docente Geraldo Loyola, foi realizado um diálogo em sala de aula para, em seguida, visitarem a exposição. Ambos proporcionaram vivências significativas, porém *com caminhos (métodos)* diferentes. Percebeu-se, apesar das diferenças nos cursos orientados (sendo um de licenciatura em Artes Visuais e outro de Pedagogia), que ambos trouxeram muitas indagações sobre os processos criativos, metodológicos e sociais da pesquisa.

Os diálogos com os discentes do curso de licenciatura em Arte foram realizados, primeiramente, na sala de aula sobre o Ensino de Arte no contexto escolar. Como os discentes não tinham visto a exposição, surgiram perguntas e questionamentos sobre as realidades da escola pública. Percebeu-se que os questionamentos dos alunos do curso de licenciatura se diferenciaram dos que visitaram a exposição antes do encontro em sala. Os discentes que não visitaram a exposição anteriormente trouxeram questões mais amplas, generalistas do âmbito escolar. As turmas que visitaram a exposição antes dos diálogos focaram-se nos processos e resultados construídos até a exposição.

Ao findar a aula, os alunos de licenciatura da EBA foram visitar a Reitoria UFMG e conhecer a exposição. Visitaram e fizeram perguntas sobre a pesquisa, a construção das aulas

e a relação com o ensino. Para Andrade (2014, p. 93), “O confronto com novas situações ligadas à expressividade, oportunizadas por professores de Arte, faz com que os educandos se defrontem com percepções diferenciadas e desconhecidas das instâncias da vida humana”. Em ambos os caminhos pôde-se notar o envolvimento dos discentes de licenciatura nos processos do ensino e prática em Arte. Ao perceber uma aproximação do conteúdo com a prática, eles demonstraram interesse por meio de muitas perguntas pertinentes, que enriqueceram ainda mais os contextos expressivos dos trabalhos expostos. A figura 59 mostra uma das aulas com o curso de licenciatura.

Figura 59 – Aula com estudantes de licenciatura na exposição.



Fonte: Produção do próprio autor.

A experiência significativa em Arte caminha por metodologias que dialogam com as vivências trazidas pelos educandos. Reduzir as dificuldades educacionais depende de fatores físicos, humanos, sociais e na formação inicial dos futuros docentes. A formação do docente em Arte requer um constante pensar/repensar das teorias e práticas integradas. Para Charlot (2000), a construção do conhecimento se inicia pelo desejo de se transformar. Portanto, construir o desejo dos futuros docentes em Arte se torna necessário para o desenvolvimento epistemológico da Arte.

Espera-se que as trocas e diálogos iniciados com os cursos de licenciaturas sobre a pesquisa *Máscaras Sociais* tenham motivado os futuros educadores/mediadores para os

caminhos (métodos), para a experiência cognitiva em Arte. E que possam, além disso, despertar o interesse dos futuros educadores/mediadores na continuidade de prováveis pesquisas.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mestrado profissional em Arte - “PROF-ARTES” - direciona o pesquisador para as práticas escolares. A investigação exploratória, além de envolver a comunidade escolar, faz-se presente na comunidade acadêmica. Cada vez mais tem-se visto a importância de se investir nas pesquisas práticas que auxiliam o Ensino da Arte na formação do educador, o qual se sente mais confiante na atuação educacional ao perceber que a teoria faz parte do seu cotidiano.

A investigação das “*Máscaras Sociais*”, a partir dos estudos dos artistas contemporâneos Amleto Sartori e Donato Sartori, John Ahern e Rigoberto Torres e Yasumasa Morimura, contribuiu para a ampliação do olhar sobre as máscaras e os contextos sociais/culturais/identitários. A experiência com os estudantes da EMJSL realizou-se pelas experiências artísticas; permitiram-se, nas trocas e diálogos com os educandos, o reconhecimento e a abertura para os paradigmas sociais nos processos do ensino/aprendizado em Arte. Os artistas escolhidos para o desenvolvimento da pesquisa, também, proporcionaram uma abertura para as questões relacionadas à sociedade, fazendo com que os educandos se identificassem com as obras e com os artistas escolhidos.

Nas trocas experienciadas durante as aulas, nos estudos dos artistas, nas produções artísticas e nas reflexões sobre as máscaras nos contextos sociais contemporâneos os educandos referenciavam o meio social e cultural ao qual pertenciam. Temas que relacionavam as matrizes culturais africanas, religiosas, tecnológicas e as mídias sociais fizeram-se presentes durante todo o processo. As atividades com as máscaras e os contextos sociais foram desenvolvidas pelos educandos, que tiveram formas diferenciadas de liberdade na criação.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, houve o convite para o pesquisador participar do Núcleo de Estudos Étnico Raciais da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (NEER-PBH). O Núcleo de Estudos/NEER-PBH auxiliou demasiadamente na construção dos conhecimentos nas aulas de Arte. Para a realização da pesquisa, utilizou-se, também, do auxílio de pessoas com conhecimentos técnicos em informática nas aulas interdisciplinares. Como culminância e finalização do projeto, foi realizada uma exposição da produção artística desenvolvida pelos educandos da Escola Josefina de Sousa Lima na Reitoria da UFMG. A exposição, em seu processo, possibilitou o desenvolvimento artístico e expressivo dos estudantes da EMJSL.

Pode-se perceber, pelas experiências vivenciadas com os educandos da EMJSL, que são inúmeros os caminhos para se alcançar o aprendizado em Arte. Caminhos estes que são construídos a partir de diálogos, diários de bordo do educando e do educador, das trocas experienciadas durante as atividades artísticas mediadas pelo educador. Ressalta-se a

importância deste na construção dos caminhos a serem percorridos na experiência no Ensino de Arte. O educador tem papel fundamental, é ele quem media o desenvolvimento das aulas, a partir da observação dos educandos nas demandas do ensino.

A investigação percorreu muitos caminhos para as reflexões sobre o ensino/aprendizado nas aulas de Arte. Porém, o mestrado, na sua temporalidade, não consegue abarcar todas as demandas existentes na pesquisa. Contudo, percebem-se novas possibilidades para futuras construções epistemológicas em Arte. Espera-se, assim, que esta investigação contribua para o Ensino de Arte nas escolas públicas, no estímulo ao uso de novas tecnologias no contexto escolar e que fomente novas iniciativas nas investigações dos *caminhos (métodos)* no Ensino de Arte. Como retorno para sociedade, propõem-se cursos direcionados a educadores da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte-RME/BH sobre o método como caminho para o desenvolvimento das aulas de Arte para formação continuada de educadores.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Fabrício, Pereira. **Arte/educação: Paradigmas do século XXI**. São Paulo: Annablume, 2014. 152 p.
- BARBOSA, Ana Mae. (org). **Arte/educação contemporâneas: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- _____. **Redesenhando o desenho: educadores, política e história**. São Paulo: Cortez, 2015.
- _____. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2007.
- BARBOSA, Ana Amália Tavares Bastos. Releitura, citação, apropriação ou o quê? In: BARBOSA, Ana Mae. (org). **Arte/educação contemporâneas: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria de Educação. **Orientações sobre processos de avaliação no ensino fundamental da rede municipal de educação de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao>. Acesso mai. 2017.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRANDÃO, Z. **Pesquisa em educação: conversas com pós-graduação**. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. In: PAULA, João Antônio (org.). **A Transdisciplinaridade e os Desafios Contemporâneos**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008, p.
- BURNHAM, Rika; KAI-KEE, Elliott. A arte de ensinar no museu. In: HELGUERA, Pablo; HOFF, Mônica (orgs.). **Pedagogia no campo expandido**. Tradução de Camila Pasquetti, Camila Schenkel, Carina Alvarez, Gabriela Petit, Francesco Settineri, Martin Heuser e Nick Rands. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011, p. 63.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CUNHA, Fernanda Pereira. E-Arte/Educação Crítica. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. 1ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010, p. 259-295.
- DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. Martins Fontes, 2010. 646 p. (Coleção Todas as Artes).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FERREIRA, Rita de Cássia Fossaluzza. **Máscaras como símbolos de comunicação e expressão: uma análise do que mostram e dizem os alunos dos cursos de Pedagogia, Psicologia e Sistemas de Informação do UNISAL Americana-SP**. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em

Educação). Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana-SP, 2015.

FREEDMAN, Kerry. Currículo dentro e fora da escola: representações da Arte na cultura visual. In: BARBOSA, Ana Mae (org). **Arte/educação contemporâneas: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 139.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HELGUERA, Pablo; HOFF, Mônica (orgs.). **Pedagogia no campo expandido**. Tradução de Camila Pasquetti, Camila Schenkel, Carina Alvarez, Gabriela Petit, Francesco Settineri, Martin Heuser e Nick Rands. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011, 63 p.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

ILLERIS, Knud, (org). **Teorias contemporâneas da aprendizagem**. Ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

JARVIS, Peter. Aprendendo a ser uma pessoa na sociedade. Aprendendo a ser eu. In: ILLERIS, Knud, (org). **Teorias contemporâneas da aprendizagem**. Ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

KISHIMOTO, T. M. Encontros e desencontros na formação dos profissionais e educação infantil. In: Maria Lucia de A. Machado. (Org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 107-115.

LARROSA, Jorge. **Sobre a lição: linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 360 p.

LÓPEZ, Marián. F. Cao Lugar do outro na Educação Artística – Olhar como eixo articulador da experiência: uma proposta didática. In: BARBOSA, Ana Mae (org). **Arte/educação contemporâneas: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2010, 188 p.

MACHADO, Marina Marcondes. **O Diário de Bordo como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em artes cênicas**. São Paulo: Sala Preta (USP), v.2, 2002, p. 260-263. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57101/60089>. Acesso em: 31 mai. 2017.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MEIRA, Marly; PILLOTTO, Silvia Sell. **Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2010.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. Conteúdo Básico Comum – CBC. **Proposta Curricular. Arte. Ensino Fundamental e Médio, 2005**. Disponível em: <https://www.educacao.mg.gov.br/leis/service/1581-centro-de-referencia-virtual-do-professor-crv>. Acesso em 31 mar. 2017.

MORIN, Edgar; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária: o pensamento**

complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. Trad. Sandra Trabuco Valenzuela. São Paulo: Cortez, Brasília/DF/UNESCO, 2003.

NOGUEIRA, Márcia Pompeo. **Pistas para pesquisa de uma comunidade como base para um trabalho teatral**. Porto Alegre: Abrace, 2011.

NÓVOA, Antônio. **Desafios do professor no mundo contemporâneo (palestra)**, Sindicato dos professores de São Paulo (SINPRO/SP). São Paulo/SP, 2007. Disponível em: http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf Acesso em 28 de maio de 2017.

_____. **Os professores e as histórias da sua vida. Vidas de Professor**. Porto: Porto Editora, 1992.

PARSONS, Michael. Curriculum. Arte e cognição integrados. In: BARBOSA, Ana Mae (org). **Arte Educação Contemporânea: Consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2006, 296 p.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Formação de Professor@s: ensino de Arte e tecnologias contemporâneas. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. (org). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

_____. Tecnologias contemporâneas e o ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae. (org). **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. Cognição Imaginativa. **Revista Pós**. Belo Horizonte, v. 3, n.6, novembro, 2013, p. 96-104.

RABETTI, Lourdes Maria. **A Arte mágica de Amleto e Donato Sartori**. São Paulo: Editora Realizações, 2013.

TERRAZA, Cristiane Herres. Um contexto: a cultura visual e o ensino das artes na escola. In: Medeiros, Maria Beatriz (org). **A Arte pesquisa**, coletânea de textos. Brasília, D.F., 2003, p. p. 21-22.

TOMASELLO, Michael, **Origens Culturais da Aquisição do conhecimento Humano**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

TOURINHO, Irene. **IMAGENS, PESQUISA E EDUCAÇÃO: questões éticas, estéticas e metodológicas** (Ing). MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs). Culturas das imagens desafios para a arte e para a educação. Editora, UFSM, 2º Ed Revista e ampliada, capítulo VIII.

WOON, Wendy. Aprendendo com imagens e conversas no “Entre-Espaço”. In: HELGUERA, Pablo; HOFF, Mônica (orgs.). **Pedagogia no campo expandido**. Tradução de Camila Pasquetti, Camila Schenkel, Carina Alvarez, Gabriela Petit, Francesco Settineri, Martin Heuser e Nick Rands. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011, p.85-88.

ZITKOSKI, J. J. **Paulo Freire e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

APÊNDICE

Depoimento da experiência com a TV UFMG e os estudantes da E.M Josefina Sousa Lima

A TV UFMG esteve presente no primeiro dia da visita dos educandos à exposição. A educadora e os estudantes gravaram entrevista para o canal da UFMG, mas, infelizmente, a TV UFMG teve problema com os áudios e perdemos o depoimento dos estudantes. Ao ser comunicado o problema do áudio, conseguiu-se gravar e transcrever alguns depoimentos. Entretanto, a espontaneidade do dia da gravação não se compara. A figura 60 mostra a entrevista e transcrição dos depoimentos colhidos após problema no áudio para a gravação da TV UFMG. O resultado das entrevistas pode ser conferido no link *Youtube*²⁸. <https://www.youtube.com/watch?v=puE9GT1RCAo&t=40s>.

Figura 60 – Depoimento da estudante Camila, 8ºano, para a TV UFMG.



Fonte: Produção do próprio autor.

Depoimento da estudante Camila - 8ºano: *O trabalho que a gente fez das máscaras foi muito legal, porque a gente teve uma liberdade de expressão muito grande, porque a professora não fez a gente ficar preso naquilo, ela deu um tema e deixou com que a gente fizesse o que estávamos sentindo, do que a gente pensava, isso foi muito bom, porque tem uns professores que querem prender a gente numa coisa só e não deixam a gente se expressar. Muitas vezes, os professores dão trabalhos prontos, e isso não é Arte, é só um trabalhinho, porque a Arte, a gente se expressa com ela. E o mais legal disso tudo é quando a gente vê aquele trabalho exposto. Quando a gente expressa, estamos nos expressando para as outras pessoas verem o*

²⁸ Reportagem da TV UFMG da exposição na Reitoria UFMG
<https://www.youtube.com/watch?v=puE9GT1RCAo&t=40s>

que você pensa, é como se fosse o meio político, porque você pensa, vamos supor, tem que mudar algumas coisas, e você pode se expressar por meio da Arte. Por exemplo, a música, muito disso é expressado na música, até música que não tem uma letra muito boa expressa uma violência que aquele lugar tem, essas coisas; e a Arte permite fazer com que as pessoas saibam o que a gente está sentindo, é um meio de tornar uma coisa abstrata em concreta. 06/04/2018.

Depoimento da estudante Pamela - 8º ano: *A minha máscara foi inspirada nas caveiras mexicanas. Eu peguei essa inspiração porque achei bastante interessante as cores e a emoção que passa nestas máscaras. Eu tentei pegar o máximo de cores para ficar bem colorido e bem animada (figura 61). Eu achei a exposição deveras emocionante, muito bonito e muito elaborada, e é claro com várias máscaras, achei bastante interessante os diversos tipos de máscaras, não tinha só um tipo, tinha várias. Eu gostei muito de ter feito, foi muito interessante e muito divertido. 06/04/2018.*

Figura 61 – Estudante Pamela 8º ano exibindo sua produção artística.



Fonte: Produção do próprio autor.

Depoimento da estudante Katia, 8º ano, sobre a exposição e o desenvolvimento dos trabalhos artísticos: *Eu achei que a exposição foi um trabalho muito bom, em conjunto, que deu para a turma toda participar. Foi divertido, foi um trabalho muito trabalhoso, e que deu para todo mundo se divertir, sem ficar aquele trabalho muito rígido.*

Após a entrevista, a estudante comenta que se sente orgulhosa por fazer parte daquela exposição. Ela relata: *professora! Quando me perguntaram em qual trabalho gostaria de filmar, eu logo disse na entrada, pois era lá que estava a minha foto.* A estudante tem uma das partes do seu rosto no convite da exposição e, mesmo não tendo sua foto inteira, ela se enche de orgulho da sua foto na exposição.

ANEXO

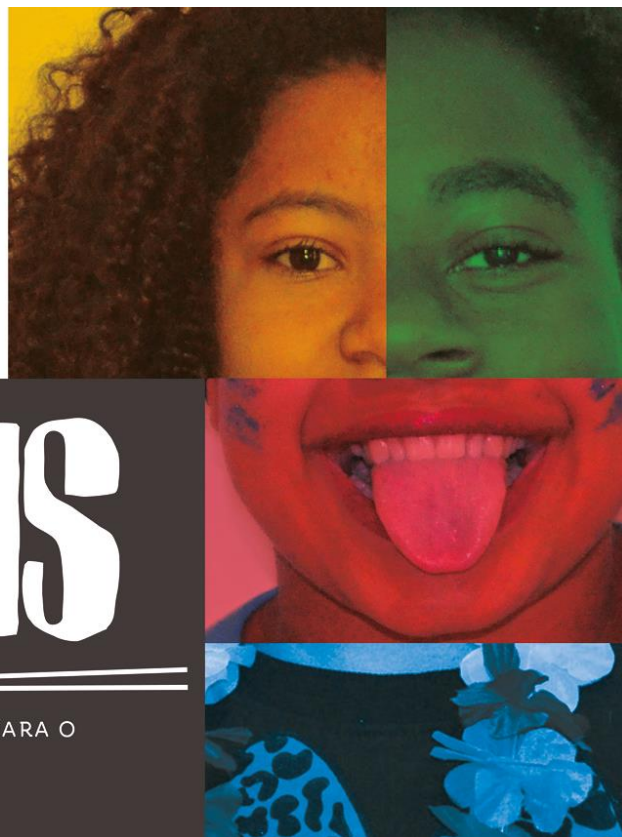
A- Catálogo exposição Máscaras Sociais: Construindo os caminhos para o aprendizado em Arte

Laura Paola

MÁSCARAS

SOCIAIS

CONSTRUINDO OS CAMINHOS PARA O
APRENDIZADO EM ARTE



MÁSCARAS
SOCIAIS

Construindo os caminhos para o
aprendizado em Arte

Jarvis entende o conhecimento como uma forma de transformação. E é sobre formas de transformação que esta mostra se propõe a discutir. Não somente relacionadas aos estudantes que construíram estas experiências mas conjuntamente confrontadas pelos pesquisadores que se envolveram nos caminhos dialogados. Assim, o objetivo de se tornar modificado e mais experiente envolveu todos que dela participaram. Deste modo, aprender e ensinar Arte não se encontrou ligado, no sentido dinâmico, à possibilidade de alguém se tornar uma pessoa melhor ou pior. Mas se transformar numa pessoa diferente daquela que iniciou o processo. Esta mostra nos apresenta, portanto, processos. Constituídos por um diálogo entre inúmeras experiências. Não no sentido das qualidades estéticas daquilo que se expressa mas na expressão estética daquilo que se deseja conhecer.

Na acepção proposta por Bernard Charlot o que desejamos conhecer nos afeta e revela muito sobre nós mesmos. Porém, os campos de conhecimento que escolhemos, e as formas nas quais estes mesmos conhecimentos são construídos, dizem mais e mais sobre nossas sociedades: seus conflitos, suas inquietações e, principalmente, suas certezas em transformação.

É precisamente sobre transformação, num sentido característico, de discussão de identidades, de discussão de movimentos de massa e de como não se deixar levar totalmente por suas ideologias, que a elaboração desta exposição ambicionou debater. Diante agora de dois aspectos: um dos estudantes que participaram desta experiência e se dispuseram a investigar e a expressar, não em palavras, parte de seus universos em construção; outro, daqueles que, neste momento, nos dão o seu tempo para fruir e redimensionar o espaço de discussão de processos: seu tempo presente, seu tempo de apreensão, seu tempo de vida que reflete suas formas de olhar. É por isso que agradecemos a todos os que se interessam em partilhar momentos para verificar e discutir este trabalho.

Agradecemos aos professores da UFGM e da UEMG envolvidos nas discussões, ao Programa ProfArtes da Escola de Belas Artes, a toda a comunidade da Escola Municipal Josefina de Sousa Lima e a todos aqueles que diretamente cooperaram para a concretização desta proposta.

Fabrizio Andrade



O TRABALHO COMO ARTISTA PLÁSTICA

inicia-se com a busca da identidade artística pelos inúmeros “EUS” encontrados nos caminhos e nas interpretações advindos da sociedade.



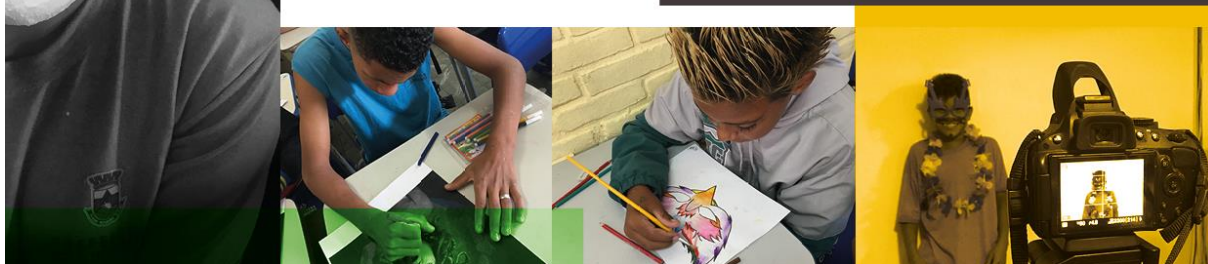
Dessa forma, ao direcionar o olhar sobre a autobiografia ao longo dos caminhos percorridos para se chegar ao trabalho artístico, percebo o quanto as máscaras têm conduzido o percurso e a minha trajetória como Artista/professora. Os rastros das máscaras têm me acompanhado mesmo que não tenha sido parte de uma consciência outrora. Somos parte de um todo que interpreta, associa e conduz o olhar do expectador na direção do nosso “EU”, que se modifica nos impulsos sociais, culturais, familiares e humanos.





Gosto de pensar as máscaras como objeto de transformação, de um grito, de um brincar imagético da alma. E esse brincar precisa perguntar-se, precisa conscientizar-se.

Laura Paola.



“

BEM PROFESSORA, QUANDO PENSO EM MÁSCARAS SOCIAIS VEJO VÁRIOS CONTEXTOS.

Todos temos que nos inteirar na sociedade, todos temos as nossas próprias máscaras que apresentamos na sociedade porque dentro de nós temos o nosso próprio impulso, ou seja, “Máscaras Sociais” para mim é o que refletimos na sociedade.

É isso que eu tenho para falar professora.

”

Depoimento do estudante Patrick Domingues a respeito do projeto “Máscaras Sociais: construindo os caminhos para o aprendizado em Arte.”







ARTISTA E ESCRITOR & PARTICIPANTES

ARTISTA E IDEALIZADORA DO PROJETO

Laura Paola Ferreira

ORIENTADOR

Fabrício Andrade

AGRADECIMENTOS

Aos estudantes, coordenadores e funcionários da E.M Josefina de Sousa Lima / Escola Integrada. Ao grupo de estudos étnicos raciais da PBH. E em especial as educadoras Danila Sarrizo, Eloíza de Paula Rossoni, Karina Soares, Ana Paula Oliveira, Vanessa Gurgel, Maria Carmem Gomes, Maria Luiza Menezes. Aos colaboradores Assis Giovanni Damasceno, Mauro Heleno de Paola Ferreira, Lismar Vilela, Maria Inês de Paola Ferreira, Caroline Vanízia, César Ferreira, Ana Paula Damasceno, Fabiana Paola Ferreira e Valquíria Vasconcelos. Amigos e familiares que de alguma forma fizeram parte deste projeto. E a todos os professores e funcionários da EBA/UFMG meu muito obrigada.

FICHA TÉCNICA

PROMOÇÃO - Universidade Federal de Minas Gerais
 COMUNICAÇÃO - Ana Paula Damasceno e Thiago Vetromille
 DESIGN - Flávio Campos Christo





Escola Belas Artes - EBA/UFMG
Escola Municipal Josefina de Sousa Lima
Convidam para a exposição

MÁSCARAS SOCIAIS

Construindo os caminhos para o aprendizado em Arte

Resultado da pesquisa desenvolvida no mestrado profissional
ProfArtes

Cordenação

▪ Laura Paola
▪ Fabrício Andrade

▪ Reitoria UFMG

Abertura

▪ 27 de março de 2018, 19:30 as 21:30

Visitação

▪ 28 de março a 24 de abril

Endereço: Av. Reitor Mendes Pimentel

▪ Pampulha Belo Horizonte / MG, 31710-220

Apoio:



27 DE MARÇO A 24 DE ABRIL 2018

De segunda a sexta | 8h às 18h
Mezanino da Reitoria UFMG

Campus Pampulha

Av. Reitor Mendes Pimental
Pampulha | Belo Horizonte / MG



UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS